



ALVARO FERREIRA DE VERA

**ORTHOGRAPHIA OV
MODO PARA ESCREVER
certo na lingua Portuguesa.**







ALVARO FERREIRA DE VERA

**ORTHOGRAPHIA OV
MODO PARA ESCREVER
certo na lingua Portuguesa.**

*Apresentação, transcrição e notas de
Waldemar Ferreira Netto*

Paulistana
~ Editora ~
São Paulo 2009



Copyright © 2009 by Paulistana Editora e Livraria Ltda.

Coleção Documentos da Língua Portuguesa
Editora responsável: Adélia M. Mariano Ferreira
Projeto gráfico e diagramação: Waldemar Ferreira Netto
Capa: Alpha Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vera, Alvaro Ferreira de.

Orthographia ov modo para escrever certo na lingua portuguesa / Alvaro Ferreira de Vera ; apresentação, transcrição e notas de Waldemar Ferreira Netto. -- São Paulo : Paulistana Editora, 2009. -- (Coleção Documentos da Língua Portuguesa)

Bibliografia.

ISBN 85-99829-04-1

1. Português - Ortografia e soletração

I. Ferreira Netto, Waldemar. II. Título

06-4388

CDD-469.152

Índices para catálogo sistemático:

1. Ortografia : Português : Linguística 469.152

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo eletrônico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita da Editora.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Paulistana Ltda.

[2009]

SUMÁRIO

Apresentação	9
Orthographia	15
A Dom Manoel D'Eça	21
Prologo	23
Que coufa seja orthographia, & quanto importa efcrever com certeza	31
Da divifão das letras: & feu principio.	34
Das letras do alphabeto começando da primeira letra A.	39
Da letra B.	40
Da letra ç.	41
Da letra D.	43
Da letra E.	44
Da letra F.	44
Da letra Ga:& je.	46
Da afpiração H.	47
Da letra vogal I.	50
Da Letra K dos Gregos, de que não ufamos: & da letra C propriamente noffa.	51
Da letra L.	53
Da letra M.	55
Da letra N.	56
Da letra O.	58
Da letra P.	59
Da letra Q.	60
Da letra R.	61
Da letra S.	63
Da letra T.	64
Da letra u. & da consoante Vc.	66

Da letra X.	70
Da letra ypsilon.	72
Da letra Z.	74
Sobre a abbreviação a que chamamos Til.....	77
Trattado das vogaes que ivntas na linguajem	
portuguesa se fazem dittongos	79
Divisaõ da dicçoës, & fyllabas no fim da regra.....	83
Das letras em que se podem ababar as dicçoës	
da lingua portuguesa.....	84
Trattado da composição das palavras: &	
das letras, que nelias dobrão.....	85
Das razões que ja para se dobrarem	
as letras.	85
Da composição das palavras.	88
Das letras, que se podem dobrar	89
A.	89
E.....	91
I.....	92
O.	93
V.....	93
B.....	93
C.....	94
D.	94
F.....	94
G.	95
C.	95
L.....	96
M.....	97
N.	98
P.....	99
Q.	99
R.	100



R.	100
S.	100
T.	102
Trattado da pontuação das clausulas, notas, & accentos da orthographia	103
Dos accentos, & viracentos, que ufão os Gregos, & Latinos; & quando os devemos ufar na escritura.	112
Regras geeraes da Orthographia da lingua Portuguesa.....	115





APRESENTAÇÃO

O estabelecimento de um padrão para a língua escrita decorre da capacidade de se diferenciar os sons da língua. No entanto, a percepção da materialidade da língua, por meio do reconhecimento de seu sistema fonológico e de suas manifestações fonéticas, não é um procedimento que se pode realizar sem nenhum esforço, pois, ao contrário da espontaneidade da fala, a consciência dessa materialidade é muito mais um ruído na comunicação. Trata-se de um fenômeno que deve passar despercebido para que possa ter o efeito necessário. Dessa maneira, a elaboração de um sistema de escrita que exija a percepção dos sons da fala vai na contramão da própria interpretação da fala, na medida em que esta atenta para a variação semântica, para a difusão das emoções, como se nada disso necessitasse de suporte material. Ouvir os sons da fala em língua materna exige uma aprendizagem especializada, pois se deve atentar para os ruídos, sem que se perca de vista a comunicação propriamente dita. É um trabalho em que se atua em duas direções simultaneamente, o que nem sempre se realiza da melhor maneira possível.

O estudo escolar, as técnicas alfabetizatórias, a experiência social com as letras, tudo isso pressupõe o sucesso na aprendizagem técnica do reconhecimento dos sons da fala e subsequentemente da aquisição e do domínio da escrita. Pouco há o que se lembrar da alfabetização que se realizou no início da vida escolar. Se foi bem-sucedida, tornou-se um procedimento automático em que simplesmente se lê, a despeito de qualquer dificuldade que pudesse se manifestar, dada a

complexidade do processo. É quase tão fácil quanto falar. A construção dessa facilidade, no entanto, não se realizou com a mesma simplicidade.

Definir a origem da escrita na língua portuguesa não é coisa fácil, dada a exiguidade dos dados que estão disponíveis. Os primeiros documentos escritos em português datam do final do século XII. Mas, muito antes disso, talvez a partir do século oitavo, já se manifestasse uma preocupação em ouvir os sons da fala de língua portuguesa para que se pudesse representá-los. Não há que se procurar nada tão sistemático, nem tão volumoso; ao contrário, o que se vai encontrar são miudezas esparsas em palavras escritas aqui e ali no meio de outras línguas, particularmente a latina. Afinal, era o latim a língua em que se escrevia. As palavras já estavam prontas, suas formas gráficas já estavam acabadas, não havia muito o que se questionar. Era possível escrever e ler o latim, sem que necessariamente se atentasse para os sons que se produziam. O mesmo já não ocorria para a língua portuguesa. Para ela não havia palavras escritas, nem letras já selecionadas para escrevê-las. Era necessário, pois, ouvir a língua e discriminar cada um dos sons que se produzia. Isso não é tão fácil de se fazer. Como já dissemos, exige aprendizagem. O problema dessa aprendizagem da escrita na língua materna é justamente a sua inexistência: não havia escrita em língua portuguesa que se aprendesse. A criação do fenômeno teve de ser concomitante com a sua aprendizagem.

Essa não era uma situação especial da língua portuguesa. Em toda a Europa, após o domínio letrado de Roma, houve a possibilidade de emergirem novas

identidades, calcadas não só no passado pré-romano, mas também no acúmulo de experiências adquiridas durante todo o período em que era o latim a língua veicular da comunicação oficial. O latim era uma língua escrita, de um povo letrado; o mesmo não ocorreu com as línguas que emergiam. Essas línguas não eram escritas, e tampouco as letras eram desconhecidas. Transpor a escrita latina para a escrita nas línguas emergentes não havia de ser simples, pois, como línguas diferentes que eram, exigiam soluções diferentes, com reflexões específicas para cada uma delas. Mas essa sistematicidade no estudo de línguas locais somente seria estabelecida muitos séculos depois de a necessidade exigí-la. A princípio, fazia-se tal como era possível. Todas as soluções eram cabíveis, desde que se manifestassem efetivamente. Se a escrita latina oferecia uma solução possível, valia-se dela, se não oferecia, criava-se uma solução, ou então copiava-se simplesmente a solução dada para casos semelhantes em outras línguas.

Acresce a isso que, durante muitos séculos, se escreviam manualmente poucos exemplares de cada texto. Isso obviamente provocava uma circulação restrita das soluções propostas para a transcrição da língua portuguesa por meio dos caracteres latinos e, portanto, tornava a padronização da escrita um processo lento que, muito provavelmente, não se realizaria. Com o aparecimento da imprensa por tipos móveis, capaz de produzir um grande número de exemplares de cada texto escrito, bem como a necessidade gerada pela criação do estado português de sua própria divulgação e manutenção, a propagação da escrita em língua

portuguesa com as soluções até então encontradas traz à luz essa diversidade de soluções pouco compatíveis com a formação de uma nacionalidade estatizada.

As primeiras tentativas de padronização da escrita em língua portuguesa são feitas logo no século XVI. Fernão de Oliveira e João de Barros, com uma diferença de apenas quatro anos entre cada publicação, já na primeira metade do século XVI, discutem essa escrita. Na segunda metade do mesmo século, serão acompanhados, com uma diferença de apenas dois anos, entre cada publicação, das novas tentativas feitas por Pero Magalhães Gândavo e por Duarte Nunes de Leão. Ainda que quatro textos em cem anos atualmente pareça pouca coisa, deve-se lembrar que desde o primeiro texto escrito em português devidamente datado — o Testamento de Afonso II, em 1214, três séculos, portanto — não houve, que se saiba, nenhuma tentativa formal de padronização dessa escrita em língua portuguesa. Mesmo no século XVI, com essas quatro tentativas formais, ainda havia o que se fazer. Uma experiência de trezentos anos não se muda de uma hora para outra. No século XVII haveria ainda novas tentativas para essa padronização. Desde já digamos que também foi sem muito sucesso. A leitura desses textos sobre ortografia deixa clara a diferença entre propor e realizar uma escrita qualquer. A experiência dos copistas medievais, que, muito frequentemente, criavam novas expressões para o que apenas deviam copiar, provavelmente reproduziu-se nas mãos dos tipógrafos que compunham os textos. Assim, nem sempre se verifica que as instruções técnicas para a escrita fossem rigorosamente observadas nas composições que se

faziam. Enfim, até o século XVII, pelo menos, não se havia estabelecido uma escrita que fosse comum para todos que tivessem acesso aos textos portugueses. Mas, muita coisa já fora feita, nos quatro séculos de língua portuguesa escrita.



A ortografia de Alvaro Ferreira de Vera não é inovadora e parte das experiências anteriores para a sua consecução. Nem por isso é menos importante, pois ilustra uma época de tentativas que não se finda com o século XVI, vai além disso. Trata-se de mais uma tentativa de se moldar a escrita na língua portuguesa. Convém lembrar que nem a ortografia de Gonçalves Viana, no início do século XX, vai surtir efeito imediato. A ortografia de Alvaro Ferreira de Vera passa muito longe disso. É uma reflexão a mais no sentido de apontar soluções para a dificuldade imanente de se representar os sons da fala, cujas dificuldades já foram lembradas.

Não cabe aqui uma discussão sobre as reflexões feitas por Alvaro Ferreira de Vera, nem sobre as de seus antecessores. A maior parte disso já foi feita por Maria Leonor Carvalhão Buescu, cuja leitura é recomendada, especialmente da obra *Babel ou a ruptura do signo: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Maria José Azevedo Santos tratou pormenorizadamente da escrita em Portugal nos séculos que antecederam a escrita em língua portuguesa, isto é, do século XIX ao XII, no seu livro *Da visigótica à carolina. A escrita em Portugal de 882 a 1172*. Quanto à escrita nesse período intermediário, essa tem sido a mais estudada pois é daí que vêm as grandes descobertas relativas às mudanças linguísticas. Há um grande número de manuais que

tratam desse período especificamente. Aqui apenas salientamos os trabalhos de Carolina Michaelis Vasconcelos, Leite de Vasconcellos, Serafim da Silva Neto, Sousa da Silveira, Joseph Huber, José Joaquim Nunes, dentre muitos outros que também mereciam ter sido citados.

Quanto à transcrição, procuramos realizar uma cópia rigorosa do texto original, que encontramos na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional, em Lisboa: <http://bnd.bn.pt>. Talvez nos tenha passado alguma coisa aqui e ali, isso é irremediável. Alguma coisa também não conseguimos ler, isso também é irremediável. Esperamos que isso não venha a prejudicar a leitura e a reflexão que o texto provoque. Mantivemos a ortografia tal e qual encontramos, inclusive com as variações entre s e f, sobretudo por tratar-se de um manual de ortografia e mais ainda por haver referência a ambas as formas no próprio texto do autor. Isso cria alguma dificuldade inicial na leitura, mas logo nos acostumamos e passamos a entender a diferença. As abreviaturas não foram desdobradas porque foram poucas e têm suas explicações no próprio texto do autor. Em relação a descuidos ou dificuldades tipográficas, eliminamo-las tão somente nos casos em que era estritamente necessário, sempre que possível mantivemo-las acrescentando alguma nota. As divisões de final de linha foram mantidas exatamente como estava no original.

Waldemar Ferreira Netto
Universidade de São Paulo



ORTHOGRAPHIA
OV
MODO PARA ESCREVER
certo na lingua Portuguesa.

AVTHOR ALVARO FERREIRA
de Vera, natural da inclyta cidade de Lisboa.

DIRIGIDO A DOM MANOEL
d'Eça, etc.

Com todas as licenças neceffarias.
Em Lisboa. Per Mathias Rodriguez. Anno de 1631
[De Afonso de Alcalà y Herrera]



LICENÇAS.

VI este livro intitulado: Orthographia Portugueza, com o trattato de Memoria artificial: e outro da muita semelhança que tem a lingua Portugueza com a Latina, cõpostos per Alvaro Ferreira de Vera, natural desta cidade de Lisboa. Não tem couza, que encontre nossa santa Fee, ou bõos costumes; antes em tudo resplandece a erudição, habilidade, e curiosidade do author. O qual em seu prologo declara, que o Padre Christovão Bruno da Companhia de IESV, eminentissimo nas disciplinas mathematicas, mestre seu â sua infancia fez o ditto trattato de Memoria artificial, do qual como testemunha de vista me cõsta, que o compos sem ajuda algũa doutra, què em Madrid, nem outra parte alguẽ fizessè nestes nossos tempos. Polo que todos estes tratados (com as poesias adjuntas) me parecem mui dignos de se estampar. Em Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de IESV. 10. de Fevereiro de 1631.

O Doutor Jorge Cabral.

Vistas as informações, pode-se imprimir este livro intitulado: Orthographia: & depois de impresso torne conferido com seu original para se dar licença para correr, & sem ela não correrá. Lisboa a 2 de Fevereiro de 1631.

*G. Pereira. Dom Miguel de Castro.
Francisco Barreto. Fr. Antonio de Sousa.*

Que se possa imprimir este livro, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario. E não correrá sem tornar à mesa para ser taixado. Em Lisboa a 18 de Fevereiro de 631.

Cabral. Salazar. Barreto.

Dou licença para se poder imprimir este livro intitulado: Orthographia, ou modo para escrever certo na lingua Portuguesa, &c. composto per Alvaro Ferreira de Vera. Lisboa a 17 de Fevereiro de 1631

*João Bezerra Iacome,
Chantre de Lisboa.*

Está conforme com o seu original. Lisboa
nesta casa de S. Roque da Companhia de
IESV. 15. de Julho de 1631.

O Doutor Jorge Cabral.

Taxão este livro em reis em papel.
Lisboa 15. de Julho de 1631.

AD LECTOREM.

*Hùc converte libens oculos: hunc perlege librum,
Qui tot librorum munera mira dabit.*

*Eft opus hoc variis: eft magnis undiq; rebus
Plenum: quod poterii grata docêre fimul.*

*Eft liber: eft auctor nimium laudandus: & ipse:
Ad quem nunc properat: quo duce doctus erit.*

A D O M M A N O E L
D'EC, A.

A Braçando o estylo antigo dos Escrittores, que quando pretendem tirar de novo algum parto de seu ingenho ao theatro do mundo, buscão primeiro algũ magnate, ou heroe abalifado, para que saindo debaixo do escudo de seu favor, não possa ser censurado dos emulos invejosos; antes fique de todos gêralmente respeitado. Dediquei este a V.M. (se não parto em todo de meu ingenho) trabalho (ao menos) fructuoso de meu estudo. A hũa para que V.M. o honrasse com sua illustre qualidade. pois tras origem da casa real pelo Infante Dom João, a quem pertencia o reino de Portugal, que deixou d'alcançar, por estar ausente: & lhe impedir a vinda el Rei Dõ João de Castella, que pretendia a successão. Este infante foi filho legitimo d'elRei Dõ Pedro, & de Dõna Inês

de Castro; & pae de Dõ Fernando d'Eça, do qual descende esta illustre familia. A outra para que V.M. o aperfeiçãoasse com a primurosa lima das muitas artes, & sciencias, de q está tã enriquecido. Pois he certo alem de V.M. ser insigne orthographo, mui dado â licção dos Poëtas, & perfeito humanista, he singular philosopho, grãde mathematico, & grave theologo, professando armas, & letras, que poucas vezes se võe juntas em hum mesmo sujeito. Polo que com muita razão posso accommodar a V.M. aquelle verso Latino: & Mars, & Pallas sunt in amore pares. Fico mui confiado por tẽr tal protector. Cuja pessoa guarde Deus per felices annos. De Lisboa, & de Janeiro 8. de 1631.

Alvaro Ferreira de Vera.

PROLOGO.

MVitos, & mui graves authores puzerão este argumento: Qual he de môr excellencia, o fallar bem com a penna, ou com a lingua? E dão (com justa razão) a ventajem ao bem arrazoado per escrito. Porque o fallar elegante fica sepultado no esquecimento; & o q̃ se escreve fica em perpetua memoria. Que fora da eloquência de Cicero, se a não deixara escrita? Nem dele nos lembramos os presentes, nem delle tiverão noticia os futuros. Quem soubera agora de Agamemnon, de Achilles, de Vlyffes, & de quanto elles fizerão no celebrado cerco de Troia, se não fora Homero Escrittor daquella guerra? As mesmas sepulturas, que cubrirão seus corpos, houverão de cubrir a gloria, & excellencia de seus feitos. E vemos que sua fama ainda hoje voa pelo mundo por meio da penna daquelle Escrittor, que floresceo, ha perto de tres mil annos. Esta verdade se vê expressa com ingenho, & elegancia nestes versos d'Ouidio.

*Tabida consumit ferrum, lapidemq, vetustas,
Nullaq; res maius tempore robur habet.*

Prologo

*Scripta ferunt annos: scriptis Agamemnona noſti,
Et quiſquis contrá, vel ſimul arma tulit.*

Per beneficio da eſcrittura (diz o meſmo Poeta) vivirão glorioſamente todos os antigos, em quanto o mundo durar:

*Tuyrus, & Segetes, Aeneiaq, arma legentur,
Roma triumphati dum caput orbis erit.
Vivet Maonides Tenedos dùm ſtabit, & Ida,
Dùm rapidas Simois in mare volvet aquas.
Dùmq ſuis victrix ſeptem de mentibus orbem
Proſpiciet domitum Martia Roma, legar.*

Os Gregos chamãrão aos doutos Sophos, q̃ quer dizer fabios, nome que por arrogante mudou Pithagoras em o de Philoſophos, que tanto monta como Namorados da fabiduria: os Franceſes Druidas: os Egyptcios Sacerdotes: os Hebreos Scribas: os Perſas Magos: os Indios Gymnoſophiſtas: & e nenhum deſtes (nẽ d'outras naçoẽs) chamãrão aos doutos Falladores.

Mecenas, aquelle que tanto eſtimou as artes, & ſciencias, coſtumava dizer que não eſtimava a eloquencia por ſer coufa falladora; mas que a eſtimava por eſcritto, porque nelle ſe dizia tudo com ſilencio.

Prologo

Os Paduanos querendo honrar a seu Tito Livio puserãolhe estatua nos lugares mais honrosos, assentando com hũa penna na mão, & dous dedos na bocca. Dando a entender, que aquelle que o quizesse imitar, escrevesse, & não fallasse. Porque (como a experiencia mostra) o homẽ, que muito falla, danna a sua propria pessoa; & o que escreve honra, & aproveita a hũa republica. O fallar he coufa de muitos; & o escrever de poucos: os que escrevem sabem; & os que muito fallão errão, & obrão pouco, & sabem menos.

Assi que he tãm differente a eloquencia da orthographia, & e tãm fora de se comparar cõ ella, que para o homẽ ser sabio, ha de ser deftro no escrever; breve & cauto no fallar. Com tudo não nego, que o fallar bem, he ventajem, que os homẽs estimão, como coufa tãm superior aos animaes: & que procurão os doutos ser tãm aventejados nesta parte aos mais homẽs, como o sãõ em muitas artes, & sciencias. Porque as palavras sãõ o toque, em que se vê o valor das pessoas, & a differença, que ha do nobre ao plebeio; & do vicioso ao bem instituïdo. Porem digo que se esta ventajem se conhece

Prologo

nas palavras, muito mais se conhecerá na perfeição das letras, & certeza na orthographia. Porque as letras, & escriptura são retratto, & representação do que se falla, & se o homẽ he politico nas palavras, passa, & esquece; porem se acerta no que escreve, fica nessas letras com perpetua fama.

Polo que concluindo com este argumento digo, que se os nobres doutos, & sabios, querem ser mais aventejados aos mais homẽs, como o são aos brutos animais, devem tẽr mais cuidado no escrever ao certo do q̃ tem de bem fallar.

Alem do que este he o principio, & assento de todas as sciencias, sem o qual senão poderá saber com fundamento algũa dellas: como afirma Quintiliano lib. 1, Inst. orat.

Por conhecer esta verdade o Philosopho, sendo tam sciente, senão desprezou de ensinar esta arte ao grande Alexandre tã exactamente, como se fora mestre d'escolla, dando por razão o que se segue: *Non sunt contemnenda quasi parva, sine quibus magna constare non possunt.*

Quanta diligencia puserão os antigos, & sabios Romanos na arte de seu escrever, testemunhas são as pedras, moedas, & medalhas de

Prologo

seus tempos, que hoje em dia leemos: em as quaes senão acha vicio, por serem escritas com grande perfeição. Tanto, que querendo o grande Pompeio escrever seu nome, & titulo no templo da Vittoria, que elle havia edificado, em que declarasse, como fora tres vezes Consul, tomando parecer dos mais doutos de Roma, porque huns diziam Tertium; & outros Tertio, pediu a Cicero o determinasse. O qual (como tam sabio, & prudente, que era) porque nenhũa, dos que haviam dado seu parecer, ficasse descontente; mandou que se escrevesse o titulo abbreviado com as primeiras letras somente.

E assim os Romanos julgavam esta arte per hũa das mais importantes das republicas, dizendo, que ella era lume das sciencias, & a que differenciava as republicas politicas das barbaras.

Marco Varrão com ser tam douto escreveu muitos livros da Analogia, fundamento de bem escrever.

Julio Cesar Monarca do mundo, que se não prezava menos da penna, que da espada, escreveu outros muitos livros da Etymologia das palavras.

Prologo

O Emperador Augusto, sobrinho do mesmo Cefar para se parecer com elle em tudo, se prezou tanto desta arte, que nas cartas, que escrevia de sua mão, por não fazer má repartição das letras, acabava as regras com as palavras inteiras. E por tamanha falta tinha o erro de hũa só letra, que sendo hum Principe tã clemente, privou do officio a hũ legado Confular, por lhe escrever em hũa carta hũ icfi, por hũ ipfi.

O grande Orador Marco Messala Corvino tam illustre per sangue, eloquencia, & dignidade Confular, escreveu sobre cada letra do alphabeto particular trattato.



O Emperador Carlo Magno, Principe dou-tissimo nas letras divinas, & humanas, & em as linguas Hebraea, Grega, & Latina, estando recolhido em Aquisgrano o tomou a morte escrevendo, & reduzindo em arte a lingua, & escriptura dos Alemães.

Com os quaes exemplos fica condênada hũa barbaria novamente usada entre algũs senhores & fidalgos, que leem mal, & escrevem peor, como se fosse caso de menos valor o fabelo fazer com algũa graça.

E assi nestes nossos tempos, em que os ho-

Prologo

mês, que mais tõe, effes são o que mais valem (segundo aquillo do Poëta: *In pretio pretium nũc est: dat census honores*) procurão sômmente saber arte que lhes dee ganho, & deixão perder muitas, cujo principal intereffe he virtude, & boa instituição. Entre as quaes hia tambem esta caminhandõ com passos agigantados para o Occidente da imperfeição, sendo arte tam necessaria a todo genero de pelloa (mormête aquelles, que compõe) que me obrigou minha curiosidade escrevela diffusamête, acrescentãdo mais letras ao noffo alphabeto. E não causarã effpanto teer mais tres tam necessarias; & menos hũa das antigas tam ociosa, & superflua, como todos sabemos, que he a letra K dos Gregos. E se as razões, que pera isso dou, não forem bastantes, fiquefe tudo como d'antes; & da maneira, que o escrevo no principio ao antigo. Porque com ellas não pretendo fazer meu nome immortal, como pretendia o Emperador Tiberio Cesar, que tambem escreveo sobre a Orthographia acrescentandolhe certas figuras de letras. que servirão em quanto elle viveo, de que hoje em dia há letreiros, & memoria. Sô o fiz por curiosidade, que essa me obrigou tam-



Prologo

bem ajuntar a este trattato outro da Memoria artificial, que enſinou â minha infancia o Padre Chriſtovão Bruno meu meſtre inſigne nas Mathematicas, deſpois que leu ſua nova Aſtronomia de tres ceos fômente, Aëreo, Sydereo, Empyreo: & a navegação de Lefte a Oefte: cou ſas dignas de perpetua memoria. O mais, que lhe acreſcentei, terá algũa eſtima por ir no meſmo volume. Tudo offereço com a vontade, que tenho de aprefentar hum vocabulario Latino, & Portugues intitulado: Compendio de vocabularios. O qual vai repartido por fraſes de Re civica, nautica, ruſtica, & bellica: partes exteriores, & interiores do homem: officios, & vicios do corpo: proverbios commumente uſados em latim, & Português. O que tudo tenho quaſi de todo acabado, porque pretendia eſcrever tudo em hum volume. En tanto aceite o Lector eſta vontade. Vale.

ORTOGRAPHIA
OV
ARTE PARA ESCREVER
certo na lingua Portugueſa

CAPITVLO I.

Que coufa ſeja orthographia, & quan-
to importa eſcrever com certeza.

ORthographia he arte de eſcrever as vo-
zes com as letras dividas à direita pro-
nunciação, & ſegundo ſua orijem: por-
que orthos (em Grego) quer dizer, direi-
to; & graphos, eſcrevo: como ſe diſſeſſemos, eſcrevo
como pronuncio.

A pronunciação he hũa voz de hũa, ou muitas
ſyllabas, a qual ſe chama voz articulada, porq̃ ſen-
do ouvida, ſe eſcreve na forma, que ſe entende. Eſta
voz he diſtinta de outra, que ſe chama confuſa, por-
que não representa mais que hum ſimplez ſom, como

ORTOGRAPHIA

hum jemido, ou balido de animaes, alarido de cães, canto de aves; & a voz articulada he clara, & intelligivel, da qual a mais pequena parte, & individua he letra, & dellas constão as fyllabas, & das fyllabas as dicções, ou palavras. Pelo que os antigos chamá-rão ás letras elementos; porque da maneira que delles estão todas as coufas fabricadas, afsi das letras o estão todas as palavras.

Despois de compostas, & unidas as letras ficão, sê-do fyllabas, & as fyllabas juntas ficão sendo dicções, inda que ha algũas palavras de hũa só fyllaba, q̃ fazem cabal sentido; as quais ja deixão de ser fyllabas, porque se chamão dicções: não trato destas, se não de aquellas, que se compõem de duas, ou mais.

Deriva-se syllaba de fyllabanos, verbo Grego, q̃ quer dizer cõprehêder: hũas sãõ lõgas; outras breves; outras commũas, & neutraes. As breves (como taes) se abreviãõ na pronunciação; & nas longas se alarga: porem as commũas hora sãõ breves, hora longas: conforme a disposiçãõ do escripto.

A fyllaba (emquanto he parte de dicção) carece de sentido, & significaçãõ: porque se dissemos, homem (separada hũa fyllaba de outra) nesta maneira, ho mem, não fica dizendo nada; mas juntas sim, por que dizem, homem.

PORTVGVESA

Deſta maneira ſe formão as dicções a que os Dialecticos chamão termos, quer ſejão verbos, quer nomes. Deſtes termos, ou dicções, tem conhecimento o ouvido pela voz, que ſe forma com a percuſſão do ár ajudado dos instrumentos da bocca, arteria, lingua, & beiços.

Divideſe a voz (como tenho ditto) em duas maneiras, articulada, & confuſa. Diremos articulada à do homem, porque deſde qualquer de ſuas letras juntas, ficão fazendo claro, & diſtinto ſignificado. A confuſa (como tambem tenho ditto) he propria de animaes, & de qualquer ſom, ou eſtrondo, que carecendo de letras, não ſe aclara, ſuppoſto que tenhamos conhecimêto natural de ſua ſignificação: como o ſufpiro, ou jemido do homem.

Deſtas meſmas vozes, palavras, ou dicções ſe faz hũa clauſula, ou periodo, que ſe compõem de varias orações, que eſtão ſinaladas com virgulas, & pontos, finais admirantes, parentheſis, interrogantes, notas, & accents, de que uſamos para intelligencia do eſcritto, ſem o qual não ſe entende bem o q̃ ſe lee, corrópendoſe muitas vezes as palavras.

De maneira q̃ não ſómête ſe chamará orthographia a de bẽ eſcrever mas ainda a de boa, & cõgruapõtuacção. Porq̃ o eſcrever, como ſe pronũcia, he com a pen-

ORTOGRAPHIA

na imittar a lingua, estampar com letras aquillo, que declaramos com palavras: (não acrescentando, nem diminuindo, pois não he neceßario, antes fica sendo mais perfeito o modo de aquelle, que cõ esta arte imittar a natureza) & quanta mais propriedade tiver nos pontos & accentos, tãta mais ventajem terá. Por que as letras se inventarão para dar noticia em presença das coufas, que se fizerão em ausencia: o que não poderá fazer escrevendose confuso. E com isso não seriamos entendidos (ou mudarsehia a pronunçiação, & com ella a lingoajem) usando o som das vozes com o rigor das letras, que estivessem á vista, que feria erro manifesto.

Por onde esta arte mostra ser de muita importancia por ser o bom escrever copia de bem fallar, & lume das scripturas, que como tal a estimarão sempre os doutos, sendo exquefitamente curiosos della.

CAPITVLO II.

Da diviãõ das letras: & seu principio.

LEtra he voz simplez, que se nota com hũa soo figura como A, B, C, &c. Os antigos differão que as letras tiverão denominação de legitera,

PORTVGUESA

que para cõ os Latinos, he o que qua dizemos, alivio de caminho, para faber leer. Outros dizem que vem de lino, linis, que quer dizer manchar, ou litura, a, que significa borrão, polos finais pretos cõ que se formão as letras, que fazemos no papel, ou pergaminho. Mas de qualquer dirivação que venha, seu fim principal de se averem inventado, foi pera grande mysterio da religião, & ornamento da vida humana, & para thefouro, & custodia de acontecimentos de coufas feitas, & palavras ditas.

Estas letras são mais, ou menos, segundo as linguas; porque segundo suas pronunciações hũas tem menos, & outras mais. As Hebreas foraõ as primeiras de q̃ se teve noticia: valerãose de vinte, & duas. Siguirão os Caldeos, & Sirios a mesma ordẽ: cujas letras foraõ as mesmas, quanto ao numero, & fentido, porem (nos caracteres) em figura differentes. Os Phenices attribuiãõ a si a invẽção das letras, por serem os primeiros, que as trouxerão a Grecia no tempo, que Cadmo buscava a sua irmãa Europa. Assim o affirmão muitos authores dos qeais* de hum o Poëta Lucano, que diz no lib. 3.

* Assim no original.

ORTOGRAPHIA

*Phenices primi (famæ si creditur) ausi,
Menfuram rudibus vocẽ signare figuris.*

De Grecia as trouxe Nicoltrata a Italia, onde as ensinou na lingua Latina cõ dezafette letras lõmente: sem embargo que o povo ufava de hũa maneira de letras, & os Sacerdotes de outras diverfas. Os Latinos despois destas dezafette letras forão acrescentãdo em feu alphabeto outras, com que fizerão numero de vinte & tres, em que entra a letra H, de que diremos. Nós á sua imittação pufemos em noffo alphabeto as mefmas letras, que são as seguintes.

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X
Y Z. Destas são seis uogais, a, e, i, o, u, y. Chamãose afsi, porque ellas per si mefmas enchem a voz: como se vê quando as pronunciamos, sendo mais interiores hũas que outras, começando da primeira. Destas vogaes têm vigór de confoãtes (ferindo outra vogal) i, u. Esta razão me obriga dizer que são diferentes porq em boa orthographia têm outra forma, que he j, v; & não i, u: como mostrarei a diãte em alphabeto mui declarado, que se deve imittar. Posto ã no principio (em que as coufas sempre são asperas) pareça difficultoso, em pouco tempo se achará per experiencia a muita importancia de afsi o irmos introduzindo na

PORTVGUESA

nossa escriptura & boa orthographia Portuguesa; por ferem estas duas letras j v diferentes das outras q̃ pronunciámos como vogaes. E assi tambem differencaremos à letra C (a que respõde a letra K dos Gregos) da letra ç que he propria da nossa lingua; como o provaremos a diãte, tratãdo do vigor de cada letra.

Finalmente (tiradas as vogaes) as de mais se chamão consoantes, porq̃ não se podẽ pronunciar, se não ferindo, ou soando com vogal. Destas consoantes ha duas especies: hũas mudas; outras semivogaes. As mudas são estas B, C, D, G, K, P, Q, T. E chamãse mudas porque per si sós não se pódem pronunciar, nem sóaõ sem ajuntamento das vogaes. As semivogaes, q̃ quer dizer meias vogaes, são outras oito: F, L, M, N, R, S X, Z. Destas são liquidas L, R, quando lhes precede muda, como clamar, gravar. F, ante destas liquidas fica muda, como flãma frutto. H não he letra. sãoõ figura de aspiração. Alem destas temos outras em pronunciação, posto q̃ em figura as não tenhamos em nosso alphabeto, & são estas ch. lh. nh: como direi depois do seguinte alphabeto;

Aa, Bb, Cç, Dd, Ee, Ff, Gg, j, Hh, Ii, Cc, Ll, Mm, Nn
á, be, ce, de, é, efe, ga, je, h, i, ca, ele, eme, ene

Oo, Pp, Qq, Rr, Ss, Tt, uu, Vv, Xx, Yy, Zz, ~
ó, pe, que, re, se, te, ú ve, xi, ypfilõ, ze, til.

ORTOGRAPHIA

As vogaes fãõ a, e, i, o, u, y. As mudas fãõ, b, ç, d, g, j, c, p, q, t, v; femivogaes, f, l, m, n, r, s, x, z. Def-
tas fãõ liquidas l, r: & dobradas, x, z: & precedê-
do f, ao l, r, tem força de muda. H não he mais que
figura de aspição com que damos força ás vogais.
Alem destas temos tres tenues; mas não aspiradas,
ch. lh, nh. Poderemos ufár em nomes Gregos, & La-
tinos destas fuas aspiradas, ph. rh. th. dandolhes a
pronunção de f, r, t. Porem da aspirada ch, por
se encontrar com a nosã ch, a não ufaremos: soomê-
te a conheceremos para quando aleemos darlhe esta
pronunção, *qui*. Como tambem conheceremos a le-
tra K, dos Gregos soomente para leemos duas dic-
ções Latinas, *Kirios*, *Kalendas*.

Pontos, & notas, de que
frequentemête ufamos:

, Virgula
; Colon imperfeito
: Colon perfeito
. Ponto final
? Interrogação
! Admiração
() Parenthesis
— Divisão

Notas menos ufadas:

.. Apices
∨ Vnião
^ Defunião
F Falta
⊙ Meio circulo
* Aterifco
_ Obelifco
_ Brachia

PORTVGUESA

^ Angulo _ Longa fyllaba
§ Paragrapho.

Dos tres accentos chamado agudó, grauè, circumflexo ufamos fomite de dous: & outroí do chamado Apoftrapho: como fe verá neste trattato.

CAPITVLO III.

Das letras do alphabeto começando da primeira letra
A.

ESta letra A, he vogal fimplez, & pura, & na quantidade duvidofa, afsi para nós, como para os Gregos, & Latinos: porque he breve; & póde fer longa, fegundo o lugar onde cair: para o que fervem os accentos agudo, & circumflexo, de que avemos de tratar.

Os Hebreos, Gregos, & Latinos (a que nós imittamos, por a lingua Portuguefa ter orijem da Latina) começárão feus alphabetos nesta letra A. Os Hebreos lhe chamárão Aleph: os Gregos Alpha: os Latinos A: na forma que a pronunciamos.

ORTOGRAPHIA

Dão varias razões os que escreverão sobre esta materia. Hũs dizem que os Gregos, & Latinos começãrão por esta letra, por imittarem o alphabeto Hebreo, reconhecendo esta lingua per origem, & inventora das letras. Outros dizem, que a razão de se pór no principio de todas as letras, foi por ser a mais proxima ao coração; que como elle he principio da vida, así o he de todas as letras; que parece fae do mais interior de nollõ peito, quando pronunciamos esta letra A. Finalmente dizem outros, que he polta no principio de todas as mais por ser a primeira que pronunciamos quando nascemos.

De hũa maneira, ou de outra, quer breve, ou longa, não he mais que hũa só letra: & em quanto letra elemental, não tem accentõ, nem medida; se não depois que he feita dicção; porque per si só não he breve nem longa; que a fello, he accidentalmente.

CAPITVLO IIII.

Da letra B.

HE esta letra B. das que chamamos mudas: Ha qual se forma com a respiração, que chegando aos beiços estando cerrados, & juntos, os abre,

PORTVGUESA

ẽ sae do meio delles o som com feu inteiro foido.

Tem esta letra muita semelhança, ẽ affinidade com a letra consoante v; com que faz errar a muitos Portugueses de entre Douro, ẽ Minho, os mais dos Castelhanos, que não advertindo o que vai de hũa á outra, as trocãõ na pronunciação, dizendo: Brabo; ẽ bravo: avano; ẽ abano: aldraba; ẽ aljava: como aldrava; aljava: barrer; ẽ varrer: peor, dizendo boffo, buestro; por voffo, ẽ vuestro ẽc.

Tem mais hũa propriedade esta letra B, que não admite ante si N, se não M: como a ditta letra M; ẽ outrofi a letra P: de que daremos razão quando dellas trattarmos.

CAPITVLO V.

Da letra ç.

ESta letra ç, he mui differente de C, assi no nome, como na figura: ẽ como taes tem duas pronunciações diversas: porque com hũa dizemos, caca, ẽ com outra caça: barca, que navega; ẽ barça, vaso de palha: acude, verbo; açude de moínho: ẽ affi calco, ẽ calço, moca; ẽ moça; cappa; ẽ çappa. E por ter esta clareza me admiro não estar posta em

ORTOGRAPHIA

nosso alphabeto na forma, que agora o ordenei. Porque no trocar hũa letra por outra, não sómente troca o sohido, mas ainda altêra o sentido nas dicções, que tem differente significação.

Polo que digo que esta letra ç, he das que chamamos mudas: ç tem por excellência não se acabar nella dicção algũa, nem ser ferida de outra algũa letra: antes fere, ç toca todas as vogaes com aquella brãdura, que esta letra de si tem: como se ve nestes exemplos, açucena, cifra, maçãa, poço, buço: sua pronunciação se faz tocando brandamente com a lingua no ceo da bocca, ç alto dos dentes; bem differente do que quando pronunciamos a letra C, ç a modo do pronunciar do, K, Grego (em cujo lugar ha de ficar) fae do interior da lingua, lançando a respiração com a bocca mais em alto.

Por onde importa muito aos ç guardão as boas regras de orthographia, escrever nesta conformidade para ficar introduzido (porç a obrigação minha não he mais, que de como avemos de escrever, ç declarar a força, ç vigor das letras, com o significado ç voz dellas) não somente polo proveito, que disso tiramos, mas pola reputação, que a lingua Portuguesa terá entre as mais nações, que carecem della: por ter cada letra seu officio, ç não hũa só letra dous

PORTVGUESA

diversos; hum proprio; & outro improprio: como todos os Orthographos dizem.

Advirto que não tem esta letra necessidade do rasgo, ou cifra debaixo, quando tocar as letras e, i, porque junta a qualquer dellas, não tem outro fohido, segundo a pronũciação destes tempos: & afsi dizemos, cinco, cinto, cifne, cidra, cesto, certo, cento. Mas se se puser não ferá erro, visto ser esta sua forma.

CAPITVLO VI.

Da letra D.

TEmos pouco que trattar desta letra D, mais ã dizer ã he hũa das consoantes, a que chamamos mudas: & que tem hũa certa simpatia, ou igualdade com a letra T. Polo que os antigos usãrão hũa por outra, pronũciãdoas de hũa mesma maneira. Por que formãose ambas tocando com a lingua nos dentes altos; não obstante que pera a letra T, convẽ pronunciar-se com mais espirito.

Nenhũa dicção terminamos nella: como fazem os Castelhanos. Donde errão dizerem, ã tem dous dd: hũ para o principio da dicção, outro para o fim della: & afsi dizem. merced, maldad: terminando nella todos os imperativos do plural: como traed, amad.

ORTOGRAPHIA

CAPITVLO VII.

Da letra E.

MEnos ha ã dizer desta letra vogal E, sòmête que he letra siplez; & não de duas maneiras, como algũs cuidão, fazendoa hũa vez grande; & outra pequena: sendo afsi, que na pronunçiação a não differençamos dos Latinos: sòmente no escrever a notamos com accentos, ou com dous, ee: na maneira que fica ditto da letra A, & a diante diremos da letra, O. em seu capitulo.*

CAPITVLO VIII.

Da letra F.

HE esta letra F, das que chamamos femivogaes; inda que algũs querẽ que o não seja se não sempre muda. O qual lugar sòmente lhe damos quando precede às duas letras liquidas L, R, dizendo Flandes, França. Não se acaba nella dicção algũa: sua pronunçiação se faz tocando com o beijo baixo nos dentes altos. Não tem differença ef-

*Está manuscrito na margem: “A letra E, quando é conjunçãõ, he differente de quando vogal, por ã a vogal se nota deste modo - E: ou deste - e quando conjunçãõ, destes - & - &.”

PORTVGUESA

ta letra F, do Ph. Grego: inda ã tinha muita em algum tempo, porque se pronunciava com muita suavidade Ph, o que não tinha o F, Latino, por valer tanto como V, consoante, a que os Eolicos chamavão, vau: & delles a tomárão os Latinos para escreverem os vocabulos de sua lingua, que escrevião per V, consoante. Mas depois para fazerem a differença dos nomes Latinos aos dos Gregos (porã todos os escrevião per Ph. começárão usar a ditta letra F, nos nomes Latinos, que não tinhão a origem Grega. E assi se hade de advertir que as dicções Latinas escreveremos com a ditta letra F: & as dicções, & palavras Gregas, que tem Ph. podemos escrever na mesma maneira, ou com F, Latino: como orthographia, & ortografia, Philofophia, & filosofia; a propriando esta letra Ph, à Portugueza. Ainda que muitos, & boõs Orthographos escrevem este nome Filippe, desta maneira, & não Philippe: como muitos do vulgo, & quasi todos, o escrevem. Nisto vai pouco; porque não se impedindo a pronunciação se ha de seguir o uso em algũas palavras.

ORTOGRAPHIA

CAPITVLO IX.

Da letra Ga: & je.

ESta letra G, (a que chamaremos, ga) he muda, de ã ufamos em sua propria pronunciação quando precede a estas tres vogaes, a, o, u: como garganta, gomo, gume. E esta letra j (a que chamaremos je) he tambem letra muda & tem sempre sua pronunciação com todas as vogaes, dizendo, jazmim, jejũar, jinja, jogo, jugo. A qual pronunciação fazemos iguالمême sem trocarmos a valia desta letra, nẽ mudarmos o foido della: o ã não fazemos cõ a ditta letra G, ã para tér sempre a pronũciação, he necessario em chegando ás vogaes, e, i; meter de permeio a letra vogal, u, fazẽdoa liquida; que muitas vezes o não fica sendo: como se vé nestas dicções, guela, arguir. E em todas as dicções, que antes do, a, entremetemos a ditta vogal, u; tem esse, u, liquido, meia pronunciação de, o; como se vé nestas palavras, aguarda, agua, lingua, mingua.

E assi se ve que he mui differente dizerse, ja, je, ji, jo, ju, do que ga, ge, gi, go, gu; que para tér, a pronunciação de ga com as dittas letras, e, i, havemos de dizer, & escrever desta maneira: Ga, gue, gui, go, gu: como gaguejar, guifar, gotejar, gurgulho.

PORTVGUESA

Polo que se ha de differençar, j, de G; chamando a primeira je, & a segunda ga, que he sua pronunciação direita; & toda a mais que até gora lhe davamos (juntas as letras e, i) he alheia de sua valia. E assi no pronunciar desta letra, j, tocamos com a lingua no ceo da bocca branda, & suavemente dizemos, je, mui diferente da pronunciação do Ga, que se forma com a respiração do mais interior da nosa lingua, que propria pronũciação dos Mouros, dos quaes a recebemos.

E escrevendo assi, ficase dando a cada letra o que he seu, sem se mudar o sohido, nem alterar o fendido; estimando esta letra, por suprir o desconcerto de dizermos guelra; & logo, trocandolhe a valia, dizemos guela; não ficando o, u, liquido antes do, e; nem menos antes de, i: como se vio no exemplo, arguir.

CAPITVLO X.

Da aspiração H.

H Não he letra mais que na figura: sòmente serve aos Latinos para nota de aspiração (como logo diremos) que para isso a inventarão, que ha dar força a vogal, a que se ajunta. Mas para

ORTOGRAPHIA

á lingua Castelhana he de muita importancia, & tem muita valia, fervindolhe de F, nos vocabulos, que com elle pronunciavão antigamente, que onde dezião, fidalgo, fijo, fazienda, dizem hijo, hidalgo, hazienda. E nestes vocabulos, huevo, huerto buevo, huerfano, huefso, & outras semelhantes lhes serve de G, na pronunciação: como, gueco, guefso guevos, &c. Porque fica foando mal, & peior escrevendose, uevo, uerto, uefso; porque se ha de escrever na forma acima com o ditto H.

Nós ufamos desta letra na escrittura como os Latinos antes de vogal, & despois de consoante: como Henrique, homem Mathematico, Rhetorico, Philospho. Porem na pronunciação a não sentimos: porque tanto pronunciamos com aspiaração, como sem ella: dizendo, Enrique, Matematico, Filospho, &c. pronunciando erdeiro, como herdeiro: onrado, como honrado.

Sómente sentimos a ditta aspiaração, quando pronunciamos ha, ha: (significando riso) como nas duas interjeições dos Latinos ah, oh. (dicções em que somente precede a vogal) porque com ah escrevêdo nesta forma significamos temor; ou indignação, a differença de, A, articulo, & preposição: & com oh significamos espanto a differença de O. Quando chamamos: cujo mo-

PORTVGVESA

do entendem os Grãmaticos: & a elles pertence mais este modo do que a outros.

Porem pronunciaremos, & escreveremos cõ a dita aspiração termos differentes que são estes Ch. lha. nh: tres pronũciações proprias da nossa lingua, que os Latinos não conhecẽrão. Donde errão os que escrevem dicções Portuguezas per ch. derivadas dos Latinos, & Gregos, com que se embaraço muitos, que não sabendo differençar os nomes Latinos dos vulgares pronũciação hũs por outros, errando na pronũciação, como no significado: como coro (per ajuntamento) escrevem choro, por se mostrarem Latinos: não vendo que dessa maneira significamos pranto: & que de hũa maneira pronũciamos coro, & de outra choro: como caco, & cacho; caca & cacha; marca, & marcha. Polo que nestes nomes monarchia, architecto, chimera, & outros desta maneira aspirados, escreveremos per qui, ou co: como Monarquia, maquina, quimera, ancora architecto, carissimo: & outros desta maneira, que por brevidade deixo assi os escreveremos, porque da mesma maneira os pronũciamos. Porque a boa orthographia consiste em escrever, como pronũciamos: & da mesma maneira pronũciar como escrevemos. E assi como os Gregos Latinos, & Arabes não tem, nem conhecẽrão esta nossa pronũciação chemine, chinella,

ORTOGRAPHIA

marcha, chora, chupa; afsi nós não temos (na noſſa materna) a ſua per ch; nem letra com que ſignifique-
mos o x dos Gregos. Afsi que quando virmos eſcrit-
tos eſtes nomes, & outros ſemelhantes, lhe daremos
a pronunção de qui, & C: & afsi o ufaremos na eſ-
crittura Portugueſa.

E do que toca a lh. & nh. trattaremos nos capi-
tulos deſta letra, L, N: que nelles ſe verá, como deve-
mos uſar dellas.

CAPITVLO XI.

Da letra vogal I.

ESta letra I, andou atégora com dous appellidos,
de vogal, & conſoante, fazendo igual, I, a je.
Sendo afsi que todos dizem, que hum he curto, & ou-
tro comprido: & que de hum uſariamos per vogal &
do outro per conſoante. Pois porque não lhe daremos
ſeu lugar apartado, afsi como o he na pronunção,
& forma? Porque o proprio ſohido de I, vogal he o
deſtas dicções as primeiras ſyllabas, ira, imajem: &
de j, o deſtas, jazmim, jejũar, jinja, joga.

Polo que afsi como fica ditto no capitulo da letra

PORTVGUESA

G, & adiante tratto no da letra y, devemos de usar de I, vogal (a que chamamos I, Latino) na nossa escriptura, como os Latinos, por atalharmos a tantos embaraços, quantos cada dia vemos cõ escrevermos hũas dicções hora com j hora com I: & por termos nisso cõfusão escrevemos quasi todas per y: & aonde a devemos escrever não sabemos; porq̃ hade ser nas dicções Gregas, a onde he necessario escreverse com ella: como hymno, mysterio, nympha: como se dirá no capitulo desta letra: para o qual fica esta duvida: Como devemos escrever a construção deste nome Latino, & seu adjetivo, Baculus dealbatus? Porque muitos os escrevem hora com j hora com y, hora com I, curto: sendo que ha muita differença nestas tres palavras, chamadas je, ypsilon, & iota.

CAPITVLO XII.

Da Letra K dos Gregos, de que não usamos: & da letra C propriamente nossa.

ESta letra K, por imittarmos aos Latinos, a pusemos em nosso alphabeto sem necessidade: pois temos a letra Ca, q̃ responde a ella: & assi ambas tem

ORTOGRAPHIA

hum fohido, & formão a propria voz. Os Latinos a tomárão dos Gregos, para escreverem sómente duas dições com ella, Kirios, Kalendas, que escreverão pelo mesmo C, ficando para todo o mais tam superflua, como para nós impertinente, & de todo o ponto inutil. E afsi não escrevemos com ella dicção algũa. Polo que a não teremos em nosso alfabeto; antes em seu lugar poremos a letra C: pois não he conveniente, nem licito gastar o tempo com letra, que não serve: mormente quando temos letra propria, que nos serve como serve o K, aos Gregos: tendo em tudo seu uso, antes das letras vogais, a, o, u: dizendo cama, caminho, caco; copa, cofre, cume, cubo.

E por ter a pronunção de qo; & não a mesma valia, quando se ajunta ás outras vogaes, e, i; mudamos o C, em q, com u, liquido, com que ficamos exprimindo todas as vogaes de hũa mesma pronunção, dizendo cappa, quedo, quieto, coma, culto. A inda que os Latinos pronunçavão o C, com, e, i: como se fosse junto com, a, o, u: segundo se collige de Quintiliano, que diz o C, ter igualmente sua valia cõ todas as vogaes: & que afsi se pronunçava coce, como quo que; & Antioquia; como Antiocia, sem affiração.

Porem nós, por atalharmos a corrupções, escreve-

PORTVGUESA

remos na forma acima com C, junto ás letras, a, o, u: & com qu, junto ás letras, e, i: conhecendo a letra C, por K; & a letra ç por terceira do noſſo alphabeto, com que dizemos, a, b, ç.

Polo que não admittiremos em noſſa eſcrittura a ditta letra K, dos Gregos, pois pera nós he ocioſa, & ſobeja.

CAPITVLO XIII.

Da letra L.

A Semivogal letra L, he liquida, quando lhe precede muda. Sua pronunciação he ſuave. De maneira que os pividofos a formão conforme ſua natureza, que he tocando com a lingua no alto do paadar. E por ſer eſta os Hebreos, Gregos, Latinos, & Arabes, & todas as mais nações do mundo a ufãrão ſempre, porque he mui importante com todas as vogaes. Porem nós atemos de maneira aſpirada, ou tenue neſta maneira per lh, que nenhũs dos acima a tem, nem conhecérão; & algũas nações ha, que nem com tormento a pronunciação. Aſi que eſta pronunciação mulher, melhor, he propria da noſſa lingua Portugueza.

ORTOGRAPHIA

Os Castelhanos a querem suprir com dous ll: & dõde nós dizemos Castelhanos; dizem elles: Castellanos: ou a mudão em j: como nestes vocabulos, semelhança, telha, trabalho, mulher, & dizem semejança, teja, trabajo, mujer. E daqui vem escreverem mal todos os vocabulos Latinos, que tem dous ll. que na sua lingua Castelhana guardão o sohido Latino, por estarem incorrutos: porque necessariamente lhe tirão hum dos dous ll: como nestas palavras, syllaba, Tullio, escrevẽ Tulio, sylaba. Porque escrevendoas como devéra ser ficarião dizendo Tuhio, sylhaba. Ao que elles respõdem, que a letra l, duplicada, & feita em ll, não fica sendo dous ll; se não hum só. E já que así o querem, así seja, pois pagão com dizerem que o mesmo fazemos com dous rr: como destas dicções: terra, corrutta. E não vem que estas palavras pronunciamos de maneira que sentimos ficar hum r, com a syllaba precedente, & outro com a seguinte: así, ter-ra, corrutta. O que não he, nem poderá ser neste nome Castelhana, villa: porque não o pronuncião de maneira que pareça, que fica hum l. com a syllaba precedente, & vai outro com a seguinte: mas así a pronuncião, como se, l, el, fossẽ hũa só letra. Porque não se pode dividir así vil-la, mas así vi lla, que he divisão sua: em que dous ll, ferem hũa mesma vogal, ã he contra toda

PORTVGUESA

razão da boa orthographia. Porque nenhũa lingua sofre, que duas letras de hũa especie pollão juntas ferir hũa mefma vogal. E por fer tam urgente esta razão, nos vão imittando algũs Castelhanos esta nofſa orthographia.

CAPITVLO XIII.

Da letra M.

M He letra femivogal: fua pronunciação he branda, por ſe formar quaſi fora da bocca entre os beiços: fere todas as vogaes directamente; não admittindo antes, nem deſpois de ſi outra conſoante, mais que B, & P: & a mefma letra M. Ante as quaes ſempre eſcreveremos M, & não N: & aſi dizemos ambos, tempo, immenſo; & não tenpo, anbos, immovel.

Os Castelhanos dizem que não tem obrigação de guardar eſta regra: & tem por mais acertado dizerſe em ſua lingua em immortal, embarço, imperio; do que immobil, embarcacion, & imperios: que he o que nos fazemos da letra N, quando ſe ſegue conſoante, dizendo Antonio enſina; & não Antonio emſina: immittando aos Gregos, & Latinos, que guardão eſta regra de eſcrever M. antes de B, & P, M.

ORTOGRAPHIA

Com tudo haffê de advertir, que ha algũs nomes propriamente Gregos, & verbos Latinos, que admittem m, & não n, antes da ditta confoante n, que he bem se faibão, para sabermos usar delles sendo necessario: como hymno, solemne, somno, condemno, calũnio: & muitos nomes proprios, que por brevidade deixo: como Agamemnon, Polymneia, Clytemnestra, & outros, que os verçados na lingua Latina sabem, & usão na pronunciação, & escriptura. E só este nome Latino se achará, que se escreve com m antes de f, que he hyems.

CAPITVLO XV.

Da letra N.

N He femivogal: della se servem as linguas por ser mui necessaria: & nenhũa a põe (salvo a Castellana) antes das tres letras, B, M, P: nem se ajunta com outra confoante, mais que com a letra S: como transferir, instrumento. Polo que na composiçãõ dos vocabulos, quando vem as pronunciações, in, con; se o verbo, ou nome, a que se ajunta, começa em algũa das dittas letras, B, M, P; o N se muda em M: como embeber, commutar, implorar.

PORTVGUESA

Esta letra N, temos tambem tenue, ou aspirada; della ufamos nos vocabulos meros Portugueses, ou curruttos dos Latinos, q̃ na corrupção da lingua tomarão effa letra em lugar de outras: como engenho, pinheiro, penhor, lenho, grunhir, tamanha. Mas as dicções Latinas, que antes de N, tem G, tendoas admitidas em noſſo vulgar, ja mais as alteraremos, nem efcreveremos, ſe não como os meſmos Latinos: dizendo magno, inſigne, magnifico, digno, ignoto, conſignar, & outros desta maneira, que temos incorruttos.

Porem eſtes nomes, fino, final, finette, afsinar & os q̃ deſtas palavras ſe derivão efcreveremos nesta maneira. Porque a eſcrittura he retrato do que falamos; & na pronũciação temos tirado o G, nos dittos nomes: & não he inconveniẽte efcrevermos eſtes, & outros ſẽ elle. Porque de algũas palavras Latinas nos ſervimos ſem as corrompermos & outras que por eſtarẽ corruttas aſi as pronunciamos, & efcrevemos.

Aſi que as dicções Latina corruttas efcreveremos da maneira que as temos & as inteiras pronunciamos, & confervaremos na eſcrittura ſem as corrompermos: como neste nome ſignum, que corrompemos per detracção do G, diremos fino, & delle final, &c. mas ſignifico, & inſigne, q̃ ſe derivão do ditto nome ficão inteiros: & aſi os efcreveremos.

ORTOGRAPHIA
CAPITVLO XVI.

Da letra O.

A Letra vogal O, afsi como não tem mais que hũa figura, afsi não tem mais que hũa sô natureza: como fica ditto da letra A: que ser breve, ou longa, he accidente, como todas as outras vogaes. Não (como muitos cuidarão) que tenhamos dous, Oo, hum grande, & outro pequeno, como acerca dos Gregos omega, & omicron. A razão, que algũs tiverão para cuidar, que na lingua Portuguesã avia dous, Oo, foi, por verem, que em hũs lugares pronunciamos com grande hiato, & abertura da bocca; & em outras cõ muito menos: como se vê nestas palavras, corvo, corvos: cuja differença não confiste na grandeza, ou pouquidade do O; se não no alevãtar, ou abaixar do tom. E afsi não he necessãrio notar estas palavras com os accentos agudó, & circumflexô; se não nas dicções em que pôde aver embarço, & differença na significação: como na construção da terceira pessão de possũm, potest, que no preterito diremos pôde, com accento circumflexo; & no presente com agudo, dizendo pôde, ou sem elle: & afsi em outros desta qualidade.

PORTVGUESA
CAPITVLO XVII.

Da letra P.

ESta letra P, he das que chamamos mudas: aqual tem grande affenidade com o B; & per terem este semelhança mudamos muitas dições Latinas, que tem P, em B; ou pelo contrario, as que tem B, em P: como de Aprilis dizemos Abril; & de capra, cabra; & de raboſa dizemos rapoſa, &c. O que não he de espantar, fazermolo afsi, por parecer, que não imittamos os Latinos, sendo afsi que para em tudo os imittarmos, lhes fazemos o proprio, que elles mesmos fizerão aos Gregos nas meſmas letras, inda que em dições differentes.

A razão he, porque eſtas letras pronunciaõſe, & formãoſe na meſma parte da bocca, & quali com a meſma poſtura dos inſtrumẽtos, dãdo hũ ſom mui ſemelhante. Sô tem eſta differença, q̃ o B, ſe pronũcia lâçãdo do meõ dos beiços o ſom, & o P, pronũciaſe apertando os beiços, & lançando o folego mais de dentro.

Eſta letra tem os Latinos aſpirada, por quanto eſcrevião per Ph, as dições Gregas: como fica tratado no capitulo da lãtra* F: mas nós (nem elles) a não temos no noſſo alphabeto, porque não temos

* Assim no original

ORTOGRAPHIA

figura propria per que se denote, como tem a cerca dos Gregos (a que dizem Phi) que para cõ elles tem o lugar do nosso F. Porem podemos escrever com a ditta letra aspirada, os nomes Gregos: como antiphona. phantasma, nympha, triumpho: apropriado à Portuguesa esta letra Ph: na forma que fica ditto no capitulo da letra F, que de hũa ou de outra (nas dittas dicções) nos servimos, sem niſſo aver erro.

E acerca da letra M, que se ha de escrever antes desta letra P, está largamête ditto no capitulo da mesma letra M, onde se poderá vér, que sempre será M; & não N; tirando esta dicção, imprimis, que inda que Latina, está admittida en nosso vulgar.

CAPITVLO XVIII.

Da letra Q.

HE letra muda esta letra Q. a ã chamaremos que: della usamos como os Latinos, que só elles (& os que delles tem origem) a tem em seu alphabeto. Nós temos pouco que dizer della por ficar tratta do o que baſta no capitulo da letra K.

Sómente resta dizer que deſpois de Q. sempre se

PORTVGUESA

escreve u, liquido, para modificar sua pronunçãõ: como quando, quasi, quedo, quieto, vacqueiro, quero, acquiro, quotidianno, cinco, quomo (per interrogaçãõ) à differença de como. E algũas vezes se segue outro, u: mas he em dicçãõ Latina; & não Portuguésa. E pondose o til (que he hum risco, que ordinariamente se poem sobre vogal, supprindo a letra m, & n) sobre esta letra Q, suppre estas, ue: como ã.

CAPITVLO XIX.

Da letra R.

R. He letra femivogal: & quando lhe precede muda fica liquida, como aggravar, Abril, fresco. Por ser a pronunçãõ desta letra aspera, he mui trabalhosa de formar a muitas nações: & comumente a todos pevidosos, quando se dóbra, ou soa como dobrada. Pelo que se enganou com ella hum author moderno, dizendo que hũa coufa he, r, dobrado, & outra r. sngello: que o primeiro serve no principio, & meio das dicções; & o sigundo só no meio, & fim dellas. Porque hum se forma com aspereza; & outro cõ mais branda, & sngella pronunçãõ.

ORTOGRAPHIA

Afsi que tem por grande erro escrevermos com dous rr, na maneira que fica ditto no capitulo da letra L. O que não figo, por não aver razão para isso. Porq deffa maneira à todas as letras se podião dar duas figuras: hũa para quando ão sinjellas; & outra para quando ão dobradas. O que enganou a este author foi, que às vezes, sem se dobrar, se pronuncia quasi como dobrado, sendo na verdade sinjello. O se faz de cinco, ou seis maneiras. A primeira se se põe em principio de dicção: como raiz, roda, redonda, rico, rubi. Onde está claro que não pode ser dobrado, por ser principio de syllaba, & não poderem duas letras de um jenero ferir a mesma vogal: como fica declarado no capitulo da letra L. A segunda se antes do, r, vai n: como honrado, genro. A terceira se pelo contrario, antes do, n, vem, r: como farna, perna, torna, furna. A quarta, se antes do r, vem s: como Ifrael. A quinta da mesma maneira se antes de, r, vem, l: como bulrar, pilrão. A ultima se a dicção, que começava com, r, se compôs com algũa das preposições, pre, ou pro: como prerogativa, prerogar.

Pelo que entenda, & não se admire este author de se escrever as palavras, que elle tras (rebuelta, rueda) com hum sò, r, no principio; & meio da dicção o dobremos, dizêdo, arrastrar, derramar. A ra-

PORTVGUESA

zão he porque sô entre vogaes se dobra, pronunciado com aspereza. Donde errão os, que escrevem dous, rr, antes ou despois de confoante, usando de letra superflua, por se enganarem com a pronunciação aspera, dizem Henrrique elrrei governa. Afisi que não há mais que hũa só letra R, com potestade, siplez, & não dobrada: que quando se dobra em voz, se dobra tambem em numero, & isso entre vogaes.*

CAPITVLO XX.

Da letra S.

S. he hũa sô letra, & não duas; como algũs puserão em seus alphabetos, por estas figuras, S, f. Porque essa differença he para dar graça da escriptura mas não para fazer differença na pronunciação: que ser, f, comprido, ou s, curto, não he por serem de duas especies: nem menos hum sinjello & outro dobrado. Porque se ha de notar, que todas as vezes, que as dicções começam em, f, & despois delle se figue vogal, naturalmente se pronuncia como dobrado; & sômente se dobra entre vogaes pronunciado a modo de ç: como massa, passa, posso: na forma que se dirá no capitulo das letras, que se dobrão em dic-

*N.: Está manuscrito na margem: "Bem pudera este autor inventar mais outro .r. e acrescentar no seu A.b.pois he dous .il. dous .Vu. por q̄ hũ he .rr., ouuera de ser com e o outro t[e]nue, por se o comũ he necessario p^a os exemplos q̄ r aponta e r tenue he necessario p^a estas. A outras semelhantes palavras - Pero Per genero ser amaro. Direi avaro ou autor autores e outros milhares. [?] deferenção esta figura -2 - r - comũ - 2 - tenue se pronuncia em todos os preteritos [?]"

ORTOGRAPHIA

ção. Também se ha de advertir, que n'a mesma maneira se pronuncia como dobrado, quando vem depois de consoante, como falso, manfo, persuadir.

Assi que esta letra, s, ou f, comprido, ou curto, he hũa só letra semivogal: & mais afobô que letra: (segundo dizia Marco Maffala) porque imitta no sohido ao filvo da cobra. E daqui (dizem algũs) se deu a feitura S f torcida, & enroscada, â feição, & postura, que a cobra tem.

CAPITVLO XXI.

Da letra T.

NO capitulo da letra D fica ditto a muita semelhaça, q̃ esta letra T tem cõ a mesma letra D, sêdo ambas mudas, & de hũa mesma pronũciação.

Temos tambem o Th dos Gregos, de que usamos em dicções Gregas, ou peregrinas: como Thomas, Mattheus, Bartholomeu, Iudith, thema, labyrintho, methodo, catholico: & outros muitos, que os versados nas letras sabem, q̃ por serem muitos, deixo pela brevidade, q̃ figo. A qual letra nõs não acrescentamos ao nõsso alphabeto, nem os Latinos ao seu, pela mesma razão, q̃ dei da letra P aspirada. Os Gregos a figurão per hũa só letra, que nõs não temos: polo que a suprimos com o T, & h: como Theologo.

PORTVGUESA

Os Latinos ufão tambem da letra T em lugar da noffa letra ç, quando despois della fe fegue I, cõ outra vogal. Cuja maneira de efcrever algũs reprovão, dando a tal culpa aos modernos, que não alcançarão a verdadeira pronunciação Latina. Da qual ficou em feu proprio fer, & com o proprio fohido de antes o ç cõ lhe feguir I, & outra vogal, & mais vogaes: como parece nestas dicções*, fpecies, ei; officiũ, ii; & feus dirivados, fpeciarius, ii; objicio; & outros muitos verbos & nomes, que não tratto aqui: pois mi nha obrigação não he defcobrir erros antigos; nem menos defendelos fendo alheios: que sômente pretendo emmendar os que tenho: que alláz farei em limalos.

Sô direi que errão algũs, que querendo fer mais Latinos do que he neceffario, ufão da ditta letra, t, em dicções vulgares; dizendo, gratia, prudentia: & inda peor, efcrevendo offitio, judicial. Sendo afsi que os mefmos Latinos não efcrevem offitium; fe não officiũ, por vir de facio;: como tambẽ dizẽ judiciũ, de judico, ã corrõpemos, & mudamos em juizo. Polo ã não efcreveremos cõ t: fenão cõ ç, todos os nomes verbaes corruttos dos Latinos acabados em tio: como de oratio, diremos oração: & de generatio, geeração: tirando razão de ratio, que efcreveremos com z, â differença de ração, por porção. Afsi tambem

* Assim no original

ORTOGRAPHIA

os nomes, & vocabulos acabados em tium, ou tia: como de fervitium, diremos serviço; exercitium, exercicio, de scientia, diremos, sciencia, & paciencia, de patientia: & afsi os mais. Porque a nossa lingua não admite nelles a pronunção Latina, que não he a, que lhe nós damos vulgarmente. Polo que os hemos de escrever, como os pronunciamos:.

CAPITVLO XXII.

Da letra u. & da confoante Vc.

EStas duas letras u, & ve (vogal, & confoante) até hoje forão incertas, & se duvidava quando era hũa, ou quando era a outra, sem a isso se dar remedio, por parecer difficultoso tirar raizes tam antigas, que nem os Latinos, nem outras nações poderão arrancar. Com tudo a mim me pareceo mui facil mostrar, que estas duas letras, hũa he vogal, & outra confoante, tam differentes (hũa de outra) entre si na forma, como na pronunção, & nome.

Porque quem não dirá, que duas pronunções diversas pedem duas figuras diversas: & que hũa coufa he. u. vogal; & outra ve confoante? e afsi a

PORTVGUESA

letra vogal tem fõmente esta figura, u; & não faz mais fohido que hum fõ a modo de bramido de lobo, dizendo, u; & a letra confoante ve (efcrevo afsi, por ficar feu nome introduzido) anda variando com todas as vogaes, dizendo: vas vees, vifte, vou, vulto. E afsi em quantas dicções entra, fere fempre a vogal, a que fe ajunta; & não he ferida de outra letra algũa: porque he letra confoante muda; & nenhũa fyllaba pode acabar nella, quanto mais dicção, ou palavra, como fe acaba na letra vogal u. Polo ã digo, & affirmo, que he hũa das mais importantes letras do noſſo alphabeto; ou, para melhor dizer, a mais importante de todas. Porque efcrevendofe nesta forma não errará o que leer muitas dicções, que com ellas fe efcrevião erradamente: como, viuo, vure, vua, laura, viuo: & afsi em outras muitas dicções Latinas (como logo direi) duvidamos fe fe ha de ferir na pronunciação a vogal fequinte, ou fe fe há de pronunciar o, u, como vogal: como fe vee nestes exemplos: folui, folui; calui, calui; parui, parui; voluerim, voluerim; deferuit, deferuit: & outros muitos, que fe ſabem tem esta ſemelhança. E vai muito a dizer efcrevelos todos na forma, que fe deve â boa orthographia Latina, & Portugueſa. Porque vendo efcripto vivo, & uivo; diremos do primeiro que he verbo, vi-

ORTOGRAPHIA

ver: & do segundo ã he construção do nome Latino ululatus, us; bramido de lobo, ou uivo: & afsi escreveremos uva, & não vua: uvre; & não vure: lavra, verbo Laura, nome; & afsi nos verbos, & nomes Latinos, como quando virmos eſcritto, ſolui, diremos que he preterito de ſoles, es; & quando ſolvi, que he preterito de ſolvo, is: & quando calui, que he do verbo caleo, es; & quando calvi, de calvo, is: & quando parvi, que he genetivo de parvus, i; & quando parui, ã he preterito do verbo pareo, es: & afsi volverim, & voluerim; deferuit, defervit; dos verbos volvo, is, ã faz no preterito, volvi, per v, conſoante: & o outro faz, volui, per u vogal, que he preterito de volo, vis; & hũa couſa he querer, & outra envolver: & afsi tambem deferuit terceira peſſoa do preterito do verbo defero, is; & quando defervit, terceira peſſoa do preſente do verbo, defervio, is: tam differentes, que hũ quer dizer, defemparar; & outro fervir humildemente: & afsi os mais, que deixo porque toca ſõmente aos Grãmaticos. Dirão algũs ã para tirar eſta duvida ſe ufarã da nota Diereſis: afsi como volút, vólui. Ao ã reſpondo, ã aonde ha letra propria, bem ſe podẽ eſcufar notas alheias, que ſõ vierão em ſupprimento de faltas. Alem diſto fõra da lingua Latina, mui poucos uſão deſta nota Diereſis. Polo ã ſe ſe guardar na eſ-

PORTVGUESA

crittura esta differença de, u vogal, & ve confoante, não cahirão algũs pouco versados na lingua Castellana em muitos erros na pronũciação: como, auré, aurá, avendo de pronunciar, & escrever, avré, avrá.

Pareceme ã estã bastantemente provada esta opinião: & ã se pode imittar, & não a do ã diz, que nos principios das dicções serve este v; & no meio, & fim dellas o outro u, quer seja vogal, quer confoante.

Assi que se deve daqui pordiante escrever o nosso alphabeto com mais esta letra, que tudo confiste no que nos pufermos: pois não introduzimos differentes formas; senão boa ufança, & conhecimento de cada hũa destas letras.

Finalmente digo, que esta letra confoante ve he muda: cuja pronunciação he branda tocando todas as vogaes: & nos soa como F, por terem muita semelhança; como se vee nestas palavras, verdade, variedade, &c. Polo ã o Emperador Claudio Cesar em lugar de V escrevia hum F às aveffas, â differença de quando servia direito por ph: como hoje em dia se vee em letreiros antigos de seu tempo: onde se lee: TERMINAÆT, AMPLIAÆITQVE: por terminavit, ampliavitque: ÆIXIT per vixit. Morto porẽ este mao Emperador por ser muito aborrecido, & odiado, ordenou o povo Romano, que por senão lembrarem de

ORTOGRAPHIA

feu nome, não ufassem das letras, que elle avia invê-
tado: qu[e] se ufabe, V, confoante pola letra J, que re-
levava tanto, como o vau dos Eolicos (que era J)
que lhes servia do mesmo, que agora a nós o, ve. de-
rivada da etymolojia da palavra vau.

CAPITVLO XXIII.

Da letra X.

X. he semivogal, & hũa das duas letras, que
dizemos dobradas. Por ella ufavão os Ro-
manos (até o tempo de Augusto Cefar, em que se in-
troduzio) destas duas letras c f, dizendo apecs, por
apex: & tambem por g f; como gregs, por grex. E
parecendolhes mais a propofito, valerenfe de hũa fõ
letra, que com força dobrada tivesse aquelle fo-
hido, recebêrão a letra X, dandolhe a ella fõ a pronun-
cição, que antes (em duas maneiras) pronunciavão
com quatro: & afsi ficárão escrevendo pax, & lex;
& não pacs, legs: dandolhe porem a mesma forma-
ção nos cafos; como se vê nestes nomes, em que fõmen-
te se acrescenta i no meio das dittas letras, c s, g s;
porque dizemos lex, & logo, legis; pax, pacis. & não
lexis, nem paxis: & afsi nux, nucis, rex, regis, &c.

PORTVGUESA

Nos na lingua Portuguesa pronunciamos o. x. como os Arabes, de cuja vezindade o tomamos pronunciado da mesma maneira q̃ elles pronunciação o seu xin. Polo q̃ nas palavras Hespanhoes não nos fica fervindo o.x. dos Latinos em força, & potestade, senão em figura, porq̃ lhe damos a ditto pronũciação Arabica: como se vê nestas dicções, paixão, caxa, bruxo, enxuto.

Com tudo ufamos do ditto x dos Latinos em algũas dicções compostas, ou derivadas da lingua Latina pronunciandoas da mesma maneira: como de extra, dizemos, extraordinario: exceder, exame, exercito, exercitar, exemplo, excellente.

E porque ha algũs, que por se conformarem com o Latim na escriptura, escrevem pax, vox, crux, lux, por paz, luz, cruz, voz; fique por regra geeral, que nunca em fim de dicção o escreveremos: porque o que o escreve assi, erra de duas maneiras. A primeira, porq̃ escreve differente do que pronuncia, o que não deve, nem pode ser, porque não temos esta pronunciação lex. A segunda, porque quando viessemos a formar os pluraes dos taes nomes, forçosamente se ha de dizer, cruxes, luxes, voces, paxes: que he o como se formão na nossa lingua. Por onde todo o nome, que temos no nosso vulgar, se se acabar em x, escreveremos per z: como luz, cruz, paz, voz;

ORTOGRAPHIA

‡ dahi, luzes, cruces, pazes, vozes, ‡c. O que (como digo) se entende dos nomes Latinos, que a lingua tomalem outra corrupção: porque muitos se acabão em x, acerca dos Latinos, que não escreveremos com z na nossa lingua, por estarem corrutos, ‡ mudados. E assi dizemos de Rex, Rei, de grex, grei, de lex, lei ‡ de sex, seis, ‡ de dux, duque, ‡ de nox, noite: ‡ outros muitos desta maneira.

CAPITVLO XXIII.

Da letra ypsilon.

Esta letra Y he propriamente Grega, ‡ hã das suas vogaes, donde os Latinos a receberão em seu alfabeto: ‡ nos a sua imitação a temos no nosso, com que fazemos seis vogaes, tendo somente dantes cinco. Aos Castellanos serve de consoante, mas não de vogal: ‡ dão para isso razões, que para sua orthographia ficam bastantes.

O que se ha de advertir, he, que inda que na nossa lingua ha pouca differença na pronunciação de ypsilon, a []*a no escrever vai mais. Isto digo, porque ha algũs, que as fazem iguaes; ‡ muitas vezes põem, i, por y; ‡ outras y, por i; que he erro

*ilegível no original

PORTVGUESA

pera os que sabem a lingua Latina. Polo que os que quizerem t er nesta parte h ua regra g eral, sig ao aos Latinos, que escrevem com y f omente as dic oes Gregas, de que ufamos na nossa lingua; & n ao as orijinalmente Latinas, ou Espanhoes. No que se ha de advirtir, que todas as vezes, que a dic ao se come ar por y, sempre se ha de escrever com aspira ao: como hydropico, hydropesia, hyprocrita, hypocrifia. Tamb e ha alg us nomes Latinos, a que d ao orijem Grega,   se escrevem com y: como sylva, & seus derivados, que s ao muitos: & afsi n ao me detenho com os mais exemplos, porque os mais delles, ou s ao nomes proprios, que pelo uf o se sabem ou meramente Latinos, cujo uf o somente pertence aos Gr amicos. Basta dizer, que sempre escreveremos per i as dic oes Portugu esas; & f omente per y, as que temos Gregas; & as Latinas, que dellas tem orijem; & mais n ao: nem menos as trocaremos por j, que tem outro significado: como se ver a neste exemplo.

Esta dic ao Caiado, que tem duas significa oes Portugu esas, pergunto ao que se pref ar de bom orthographo: Como se deve escrever, que signifie bord o de pastor, & branqueado com cal? Dir ao alg us, que desta maneira: Caiado, Caiado. Outros (que devem cuidar que acert ao) dir ao, que o bord o afsi:

ORTOGRAPHIA

Caiado; & para significar branqueado así, Cayado. Digo, que nem de hũa maneira, nem de outra: porque se deve escrever así, quando significa bordão, Cajado, & quando cuberto com cal así, Caiado. A razão de se não escrever (nem hũ, nem outro) per y, he que a ditta letra a cerca de nos he breve vogal; & não consoante; como o he para com os Gregos, & para com os Latinos juntamente: & o, i tem valor de dous ii posito entre duas vogaes: & así o escrevião os antigos pronũciando, Maiior, Peior: & escrevendose com, y, confundese a pronunciação com a dos Castelhanos, que así bem o escrevem.

CAPITVLO XXV.

Da letra Z.

AVemos chegado â letra final do alphabeto; ã he esta letra semivogal z, da qual carecerão os Latinos até o tempo de Augusto (como fica ditto da letra X) em que a tiverão, para lhes escufar letras dobradas, que erão, f, d. Así que esta letra z, por ser figura, & abbreviação de duas letras, se chama letra dobrada. Porque así pronunciavão os Gregos,

PORTVGUESA

Os Latinos, *zacynthos*, como se escreverão, *zacynthos*: e a mesma pronunção davão a *Ezras*, que a *Esdras*. A pronunção destes tempos soa entre *z*, e *ç*: não obstante que *ç* se pronuncia com mais força, que *z*, e *z* como se vê nos nomes verbaes em *ção*; *licção*, *deleitação*: e outros como, *agencia*, *officio*, *maço*, *fiança*, *peça*, *começo*, *caça*, *paço*, *feitiço*, &c. E o *z* se pronuncia com a lingua mais remissa: como se notará nos nomes verbaes de Latinos em *ção*; *licção*, *conclusão*; e outros como, *cafa*, *cafo*, *lifo*, *tifo*, *peso*, *preso*, *cofer*, por *cofer* com *agulha*; porque com *z*, significa *cozinhar*: e assi os mais, que acerca dos Latinos se escrevem com *z*; como *meza*; e não *meza*. E o *z*, se pronuncia com a ponta da lingua, com mais força que *z*, e menos que *ç*: como *razão* *praza* a *Deus*, *aprazivel*.

E porque muitos vulgares confundem o *z*, escrevendo *z*, sem saberem aonde convem o *accento*, farei mais compendiofo este ultimo capitulo, por acabar na letra *.z.* muitas palavras, que são as seguintes.

Escrevemos com *z* todos os nomes *patronymicos* *Portuguêses*; como de *Fernando*, *fernandez*, ou *frñ*, de *Gonçalo*, *Glñ*; de *Vasco*, *Váz*, de *Sancho Sanchez*;

ORTOGRAPHIA

de Antonio Antunez; de Lopo, Lopez; de Henrique Henriquez: & afsi Ruiž; Pâez, Piž, Martiž, Bermudez, &c. Os nomes femininos denominados de outros; como avareza, fimpleza, nobreza, &c. Os que na ultima fyllaba tem, a, com accento nella; como rapaz, cabaz. Os que significação augmento, fallaz, vivaz, efficaz, capaz. E algũs nomes na ultima fyllaba tem, e, com accento nelle; garoupêz, axadrêz, treêz, feêz, vêz, pêz. Estes são poucos: os mais se escrevem per l, ainda que tenham o accento na ultima: como Português, Inglês, Olandês, Marquês, dignidade; porque quando he patronymico se escreve com z, por vir do nome Marco, que delle dizemos Marquez. Os que tem accento no I: juiz raiz. Da mesma maneira os em O; Estremoz, arroz, Badajoz & os monofyllabos, l, de hũa só fyllaba; noz, voz, tirando vós, nós, pronomes, que se escrevem cõ s; & não z.

Os que tem, u, na ultima com accento nella: como Ormuz, culcuz, arcabuz: & as dicções de hũa fyllaba: cruz, luz, tirando a primeira pessão do preterito perfeito do verbo, Ponho, que he, pus, que se escreve com, s & não z.

Tambem se escrevem com z às terceiras pessos destes verbos; faz, diz, traz: & os que delles descen-

PORTVGUESA

dem: fazia, dizia, trazia.

Os nomes numeraes; como dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezaféis, dezafete, dezoito, dezanoue, dozentos, trizentos. Porem quatrocentos, & os mais até mil, se escrevem per ç, & não z, com que se dá fim a este alphabeto. Mas porque não fique de fora hum til, trattaremos tambem delle.

CAPITVLO XXVI.

Sobre a Abbreviação a que chamamos Til.

Til não he letra, senão hum risco sobre vogal. O qual se escreve nas dicções de muitas letras supprindo com poucas muitas: como se vê nestas palavras, Misericordia sentença; & nos nomes patronymicos; como Gonçalvez, Fernandez, Rodriguez, & outros taes, em que escufamos com o til de escrever tantas letras, como Miã, deixamos de escrever, ifericord: & afsi nos mais escrevendo somente fñça, Frž, Glž, & c.

O mais frequente uso deste til he quando supprimos com elle as letras M, ou N: como tẽpo, ou, tẽto, cõstar, cãbar. E muito mais ordinario he sobre

ORTOGRAPHIA

ã; porque nos suppre, ue: como ã.

Tambem he necessario nas dicções, em que escrevendo M, faz outro sentido: como irmãos, irmãa, Bulhões, bães, tões, dões, & doês, vaccũus, atũus, ficando o M liquido.

Finalmente toda a dicção, que acabar em am, escreveremos per ão, por fer afsi necessario, como diremos no capitulo dos dithongos; tirando tám quàm adverbios, que escreveremos afsi, como os Latinos, polos não corrompermos, imitando sempre as scritturas dos homens doutos, regulandoas pelo entendimento, & ouvido, que he a melhor regra, que se pode têr, & dar nesta materia.

TRATADO DAS
VOGAES, QUE IVNTAS
na linguaem Portuguesa se fa-
zem dittongos.

Dittongo he palavra Grega, q̃ quer dizer, fom dobrado, ou ajuntamento de duas vogaes, que guardão sua força em hũa sô syllaba. Estes se formão em cada lingua de differentes maneiras, & per diversos ajuntamento de vogaes. Na nossa lingua ha dezafette, que são estes, incluídos no exemplo: irmãa, capitães, vogães, mais, mão, mao, causa, bães, rei, meu, confiis, taboa, dões, foi, coufa, muito, algũus. Os Latinos são estes: præmium, causa, celum, hei, Europa, harpyia. Mas indo o accento na vogal não fica dittongo; así nos que temos proprios, como dos que temos tomados da mesma lingua Latina, & de outras nações: como faude, baínha, azambôa, poëta, ceúmes, moínho, Luis, argüir, &c. As quaes são letras foltas, que fazem cada hũa per si syllaba, posto q̃ breve, por ser vogal ante vogal. Mas se for no verso, pode se fazer de duas em hũa syllaba pela figura chamada Synerifis; como sabem os Poëtas.

ORTOGRAPHIA

O dittongo, que mais se ha de advertir, por ser o mais frequente na nossa lingua, & o que mais duvidas tem, em que lugares se ha de usar, he o que escrevemos per, ão. Porque hũs o usão per, om: (como na lingua antiga) & outros per am, confundindo aquelle dittongo, ão, que não conhecem, por não fazerem differença de hũa coufa â outra: contra a opinião dos que o melhor entendem.

Polo que se quizermos escrever, como pronunciamos, terminemos no dittongo ão todos os verbos, & nomes Portuguezes, & não em, am, que he pronunciação alheia, da que lhe damos: tirando aquellas palavras, que dos Latinos nos ficãõ inteiras, Tam, Quãm: & aquellas syncopadas, Gram, por grande, quando se segue consoante; Sam, por santo.

E porque no formar dos pluraes dos nomes, cujos singulares se acabão em, ão, se embaração muitos, sem saberem se hão de pronunciar, & escrever, cidadães, cidadões, ou cidadãos; villães, villões, villãos, cortezões, ou cortezãos, farei aqui regra gêral pera esta pronunciação, & escriptura.

Todas as vezes que na lingua Portugueza acabar qualquer nome em, ão; avendo duvida no formar do plural, veja-se como se termina na lingua Castellana: porque se acaba em an, faz o plural (acerca dos

PORTVGVESA

Castelhanos) em anes: como capitán, capitanes; gavi-lan, gavilanes; Aleman, Alemanes. E afsi forma fempre fem exceção algũa o Portuguêz o fíngular em, ão & o plural em, ães; como, de capitão, capi-taês; gavião, gaviães; Alemão, Alemães.

Mas fe acerca dos Castelhanos o fíngular, que os Portuguêzes acabão em, ão, elles formão em, ano; como villano, ciudadano, aldeano, de que elles for-mão o feu plural em, anos; o noffo plural ferâ em, ãos: & afsi como elles dizem, villano, villanos, ciudada-nos, aldeanos; diremos nos, cidadãos, aldeãos, villãos: & fe o fíngular acerca dos mefmos Castelhanos for em, on ferâ o noffo plural em, ões; como fermon, opi-nion, coração, de que dizem, opiniones, fermones, co-raçones, diremos nos, fermão, fermões, coração, co-rações, opinião, opiniões. Porque niſto, & em outras couſas, que por brevidade deixo, tem refpeito, & cor-respondencia a lingua Portuguêza â Castelhana.

Porem fe os vocabulos em, ão, ão meros Portu-guêzes, ou commũs â outras linguas, & os não ha em Castelhano, fempre fe acabarâ a voz do plural em ões; como patação, patações; tecelão, tecelões. Porque fe tem niſto refpeito ao antigo, que as palavras, que agora acabão em, ão; acabavão todas em, om. E po-lo coſtume (que niſto fempre hemos de seguir) ficârão

ORTOGRAPHIA

fora da ditta regra, tabaliães, eſcrivães, que per a ditta analogia ouverão de fazer, tabaliões, eſcriuães. E tambem ficão fora deſta regra eſtes indifferentes, cidadãos, cidadões; villãos, villões.

Dos mais dithongos não tratto, por dezejár em tudo brevidade, pois pelo uſo ſe conhecem & eſcrevem. Sômente do ditthongo em, ii, direi q̄ he neceſſario nos nomes cujos ſingulares ſe acabão em, im, que perdẽ o M, no plural, & acabão em ãi: como roim, roĩis; mal-fim, malfiis beleguĩis. Os quais pluraes ſenão podem formar em neſſa lingua ſem o vinculo do til, que liga os dous ii (& o meſmo he do ditthongo, ãe) por não dizérmos, malfimis, beleguimis, & bemes: como a razão, & analogia da noſſa lingua pedia, & melhor ſe eſcrevem ſem os dittos ditthongos, sômente com o til ſobre a vogal, como fiz, bêſ, bõs, beleguĩs. Donde errão os que eſcrevem, fins, bons, bens: porque eſſas letras não dão a pronunciação Portuguêſa a quem attentar.

Advirto que eſta palavra dom quando he prenome de nobreza, faz no plural dõos; & quando ſignifica beneficio, ou doação, faz no plural, dões: o primeiro vem de dominũs; o ſegundo de donum. Polo que ſenão confundão os pluraes, que ſaõ differentes ditthongos.

PORTVGUESA

Divifaõ das dicções, & fyllabas no fim da regra.

HAvendo entre duas vogaes duas confoantes. ficarã huã com a vogal antecedente, & outra irã com a seguinte: como el-le, oc-cupa, af-feiçoa, ag grava, pa-flo, ter-ra, op-poſta, &c. Tirãſe de eſta regra as dicções, que deſpois de, f, levãõ, ç, m, c, p, q, t: as quaes juntãõ a ſi o f; como cre-ſcer, Co-fme, ca-fco, cre-fpo, e-fquadra, pa-ſtor, ca-ſto; & as, que antes de, m, n, levãõ g: as quaes o levãõ tras ſi: como, au-gmento, di-gno, ma-gno.

Letra muda, que vai antes de liquida, & a reſtrinje a ſi, pertence com ella a vogal ſeguente, ã fe-re: como, aplauſo, a-plauſo, a-brir af-fligir.

Concorrendo duas vogaes (nãõ ſendo ditthongos) ſe podem dividir, como ſa-ude: de modo, que a confoante ſempre fira a vogal ſeguente.

E ſe entre huã vogal, & outra ha huã confoante, eſſa confoante ha ſempre de ir com a fyllaba ſeguente, inda que eſſa confoante ſeja aſpirada; como a-mo, ba-nho, bata-lha, A-thenas, a-chado: porque h, nãõ he letra; ſenãõ figura de aſpiração.

Em meio de dicção pode a fyllaba terminarſe em

ORTOGRAPHIA

B C D F G O P S T; dobrando-se qualquer dellas: como Ab-bade, ac-celerar, ad-dição, af-feiçoar, ag-gravar, ac-comodar, op-pozição, paf-fo, got-ta: & em L. M. R. seguindo-se qualquer consoante; como al-ma, pom-ba, ar-te, fal-fo, cam-po, par-te, &c.

Advirto, que se a dicção for feita em dicções compostas de preposições, ou particulas compostivas, fahirão sempre com as letras, com que entrão: como con-stituir, pre-screver, re-scritto, de-scender, sob-stabelecer, ap-pellar, an-notar. O que se fara, ainda que a derradeira letra da preposição, ou particula compostiva este convertida em outra letra por causa da composição: como presup-pozição, circum ferencia, super-fluo, &c.

Das letras em que se podem acabar as dicções da lingua Portuguesa.

Ainda que as syllabas no meio das dicções se possam acabar em varias letras (& quasi todas) do alphabeto, não he assi no fim das ditas dicções: porque somente podem acabar nas cinco vogaes Latinas A, E, I, O, V; & nestas consoantes, L, M, R, S, Z: como ferva serve, fervi, firvo eu;

PORTVGUESA

sol, com, ouvir; nos, voz. Mas se forem dicções peregrinas trazidas ao uso da nossa lingua, podem acabar em B D G C H N T: como Iob, David, Agag, Melchisedec, Ioseph, Lamech, Sion, Nazareth, Nemrot. Porque os nomes proprios se hão de escrever com as letras de sua origem.

Trattado da composição das palavras:
& das letras, que nelas dobrão.

*Cap.I. Das razões que ha para se
dobrarem as letras.*

Hũas letras se dobrão nas dicções per natureza das palavras, de que se não pode dar regra, porque consiste em uso, & não em arte. E assi não se pode dar razão, porque estas palavras Latinas, gutta, caballus (de que dizemos gotta, cavallo) tem dous tt, & dous ll; mais que dizer: Sic voluerunt priores: Que forão compostas à vontade de quem as inventou.

Outras se dobrão per derivação, que são os nomes, ou verbos, que se tirão de outros. Os quaes guardão a escriptura de seus primitivos: como de gotta

ORTOGRAPHIA

dizemos esgottar, gotteira, gottejar: de cavallo, cavalleiro; de anno, annal. As quais dicções dobrão sempre as dittas letras L. T. N. porque seus primitivos, (de que elles se derivão) as dobrão.

Outras dobrão per significação, que saõ os diminutivos, que na nossa lingua acabamos em Te, que parece não podemos escrever bem sem dobrar, o T, seguindo a orelha nos pede: como fraquette, livrette, pequenette, pãnette: & outros assim, que para significarem diminuição acabamos nestas terminações, como os Latinos acabão os seus diminutivos em ll; como libellus, &c

Outras dobrão per corrução, que saõ as que estão na lingua Latina de hũa maneira, & pronunciação, as mudamos, & fazemos nossas, corrompendo hũa das consoantes em outra semelhante: como de ipsum, dizemos isso: de persona, pessoa: de dictio, dicção, & de dictum, ditto: & outros muitos desta maneira.

Outras dobrão per variação, que saõ as que per variação de conjugação, ou declinação acrescentão alguma letra para mostrar differença de tempos; numeros, & significação: como amasse, ensinassé. E os nomes, que sendo masculinos, varião a terminação para formar os femininos: como mao, maa, pao, paa;

PORTVGVESA

reo, ree: ou que sendo do singular formão seus pluraes; como barril, barriis.

Outras dobrão per composição, que são muitas, & per muitas maneiras. O que se faz mudandose a derradeira letra da preposição compoſitiva em outra tal, como a primeira do verbo, ou nome composto: como, irracional, corromper, agravar, appetite, &c.

E porque estas composições se fazem com as preposições Latinas, que se ajuntão aos verbos para lhes alterar a significação, acrescentar, ou diminuir, diremos em geeral de todas; & despois em particular das que fazem dobrar as letras: porque nem todos podem ter conhecimento da lingua Latina para saberm a etymolojia dos vocabulos: & onde se devem dobrar as letras: & ainda pera os que a sabem, senão he exquisitamente, teem necessidade (pera a lingua Portugueſa) de outro novo alphabeto, para saberem onde se hão de dobrar as letras. Porque outros verbos, que nos formamos de noſſo, começados em , A, não admite a orelha, nem o uſo, que a dobrem. A razão he, porque aquelle, A, he propriamente noſſo, com que formamos os verbos, que o querem: como quando dizemos, de manſo, amanſar, de pedra, apedrejar, de noite, anoitecer, de cabo, acabar; de

ORTOGRAPHIA

proveito, aproveitar: de puro apurar, & outros infinitos. Os quaes são simples, & não compostos: porque a verdadeira composição he, quando se ajunta a preposição aos verbos, o que não ha nestes: porque não ha proveitar, nem manjar, & pedregar, para dizermos, que se compoem com a preposição Ad, para mudar o d, na outra semelhante, que acha no principio do verbo.

Com tudo algũs ha, que o ufo, & a orelha nos ensinão, que dobrão a letra; como são os que teem, F, R, ou S, depois de A (seguinte porem vogal depois das ditas letras) como afforar, affogar; arriscar arruinar; allombrar, alloviar, allanhar: & allí todos os mais sem fallencia. Polo q̃ não he necessario fazer clara distincão de todos.

Cap. II Da composição das palavras

FAzem composição as preposições, ou particulas seguintes, que temos colhidas da lingua Latina, porque em tudo a imitta a Portugueza: como se verá no tratado, que fiz da muita semelhança, que estas duas linguas teem. As preposições são estas: A, Ab, Ad, An, Con, De, Des, Dis, En, Ex, In, Inter, Ob, Per, Pro, Pos, Re, Se, Sub, Trans, Sobre: co-

PORTVGUESA

mo se vê nestes exemplos, acometer, abfolver, abster, advertir, affirmar, annullar, annexar, conceber, conformar, defervir, desfazer, deshorrar, differença, dispor, disforme, encaminhar, excluir, intentar, impedir, interromper, interpollar, obstar, oppor, perfiar, perseguir, perferir, preceder, prometter, profilhar, polpor, reprovar, repetir, separar, summetter, substabellecer, trasladar, sobrepujar sobrestar.

Defta maneira se compoem outras muitas palavras, que não trago, por bastarem estar para exemplo: & as deixo pera o meu vocabulario, aonde todas teem lugar.

Cap. III Das letras, que se podem dobrar

A

DObrão A. muitas dicções corruttas dos Latinos, q̃ tẽ cõsoante entre dous, aa, aqual se tirou; como de sanare, saarar: de palatum, paadar: de mala, maa. E os nomes (como fica ditto no primeiro capitulo) que sendo femininos se formarão dos masculinos: como de pao, paa: de Iao, Iaa. E mui-

ORTOGRAPHIA

tas dicções Latinas, & Castelhanas em, ana, perdem o N: como de germana, irmãa, de lana, lãa.

Nos articulos, O, A, que se antepoem aos nomes para mostrar, de que genero são, ha grande embaraço, principalmente nos nomes femininos, que affi como dizemos, vou ao paço; avemos de dizer, vou aa igreja: porque o primeiro A, he preposição, para, & o segundo A, he articulo. Donde errão os que escrevem, vou a igreja; com hũ sô A, imaginando que suppre hũa, & outra coufa. Os que quizerem nisto acertar, veção como foa na lingua Castelhana, & achando a preposição A, e o articulo la, escreva com dous, aa; como voi a la iglesia; voi a las Indias, diga, vou aa igreja; vou aas Indias.

Porem por quanto o entendimento deseja brevidade, & a lingua no concurso de duas vogaes consume hũa, bem poderemos escrever as taes palavras de dous aa, (& a mesma regra fique pera as mais vogaes adiante) com hũa sô vogal, em que ficão ambas incluidas: & desta inclusão seja final hum accento circumflexo, nesta forma : vâ â armada; a virtude he proveitofa â alma; fãrar; pãdar: & melhor se fara isto na palavra, que fica com hũa sô vogal: como pâ, mâ. Nas palavras Latinas, Castelhanas, que dizemos acabarão em, ana, não corre a

PORTVGUESA

meſma razão; porque fica o noſſo ditthongo, ãa: como vilãa, lãa, manhãa, &c, em que ſe não pode uſar accento; aſſi lâ, villâ: porque he differente pronunciação.

E.

EDobráo os nomes contractos, ou abbreviação, a que na corrução da lingua Latina na noſſa ſe tirou algũa letra, que eſtava entre duas vogaes: como de fides, fee: de balifta, beefta: de fedes, fee: de pedes, pee; & de ſagitta, ſeeta. E aſſi pregar, de prædicare: de generare, gerar: de geeralis, geeral: & aſſi tambem eſtes verbos, teer, leer, veer; de tenere, legere, videre.

Tambem ſe eſcrevem com dous, ee, todas as dicções, que no ſingular acabão em eſta terminaçon, em, como bem, beês; vinteês, per ditthongo.

Podem dobrar muitos nomes em, E, levando accento nelle: como galee, maree, polee, ree.

Mas porque (como tenho ditto da letra A) a brevidade ſatisfaz, quem não quizer dobrar, uſe do accento circumflexo: como prêgar, gêral, marê, galê, bêſta: com que ſe tira a differença de beſta animal. Nas dicções de hũa ſyllaba corre melhor: como fê, pê

ORTOGRAPHIA

vê. Porem tendo outro significado, dobrese para differença, como, fe, conjunção; See, cathedral: & fê, verbo terá o accento circumflexo, â differença de ambos. Da mesma maneira dobrão, dee, na segunda pessoa do imperativo presente do verbo dou; & na primeira, & segunda do futuro do optativo; & do presente do subjuntivo. E tambem fe pode usar nelles do accento circumflexo: como dê, com que fica differente de De, preposição.

I.

Dobraõ I os nomes acabados em il, im, na formação de seus pluraes, formando em, iis; & ãis: como burril, burriis; funil, funiis; malfim, malfiis; delfim, delfiis; que com aquelle til ficão fazendo ditthongo: ou tambem sem elle com til sobre vogal: como beleguis. E muitos preteritos corruutos dos Latinos dobrão I: como, eu lii, ou lí. & afsi, eu vii, ví, de vidi: currii, currí.

E os imperativos pluraes da terceira conjugação Portuguêsa para differença de seus preteritos: como ouvii vos, ouvî vos: acodii vos, acodî vos.

PORTVGUESA

O.

Podem dobrar em O os nomes, a que se tirou algũa confoante de meio de duas vogaes; ou levando accentto nelle: como de mola, moo, ou mô, de folo, sô; enxoo, enxô; ilhoo, ilhô, & nottivoo, de nctivolans.

V.

Dobrão V sômente estes tres, nuu, cruu, muu; de nuu; cruu: & afsi no plural, cruus, nuus.

Estas letras vogaes se dobrão para denotar ser a syllaba longa; & ter o accentto agudo nella. Porque para mostrar ser a vogal longa, se permite, que se dobre na escriptura, como os antigos fazião segundo Quintiliano no lib. I. das instituições oratorias cap. 6.

Y não se dobra, porque não entra, senão em dicções Gregas, em que não ha dobrarse vogal.

B.

Estas dicções sômête dobrão B, q̃ lão abbreviar, Abbade, Abbadeffa, Abbadia, jibba, jibbofo, fabbado.

ORTOGRAPHIA

C.

DObrão C, os verbos, que começando na ditta letra se compoerão com a preposição, Ad. porque se muda o D, em ç: como acelerar, accender, accento, accidente, accidental.

Affli tambem todos os verbos, que començando em ç se compoerão com estas preposições Ob, sub, & os descendentes delles, como occidente, succeder, successor. E as compostas de Ad: como acelerar.

D.

DObrão D. estas dicções, adicionar, addivinhar.

F.

DObrão os nomes, ou verbos começados em F compostos da preposição Ad. cujo D se muda no F: como affabil, affeioar, affim, affinidade, affirmar, afflijir, &c.

Os verbos da lingua Portuguesa começados em A, que tem F entre vogal, & vogal: como afferrolhar, affrontar, affujentar.

PORTVGUESA

Os verbos, & nomes compostos da preposição Dis, ã começão em F: como diffamar, differença, differir, diffinir, diffufo, difficil, difficultofo, tirando disforme, & disformidade.

Tambem os compostos da preposição Ex, se elles começão em F: como effectuar, effeminado, efficaz.

Da mesma maneira os compostos de Ob: como officio, offender, offerecer, offulcar.

E assi os compostos da preposição, Sub, como sufficiente, suffraganeo, suffragio.

G.

DObrão nesta letra as dicções compostas com a preposição Ad, por se mudar o D, em G: como aggravar, aggressor, aggravado, bagga de bacca.

He aspiração a letra H, polo que não ha, que dizer della.

C.

DObrão C os verbos compostos da preposição Ad: como accomodar, accorrer, accumular, accusar.

Os cõpostos de Ob, Sub: como occasião occorer, occul

ORTOGRAPHIA

tar, occupar, occupação, fucorrer, ou foccorer.

E estes que não ão compostos, Baccho, bocca, Graccho, peccado, facco, fecco, focco, vacca. E nas derivações destes nomes seguindose E, I, se muda o C em Q: como de facco, facquinho; de vacca, vacqueiro. Porque C, E, Q, ão ambas hũa mesma coufa, & tem a mesma valia, como fica ditto no Alphabeto.

L.

DObrão L os compostos com a preposição Ad junta a verbos começados em L: como allegar, alludir.

Da mesma maneira os compostos de, Con, que mudão o N, em L, como collejir, collocar, colloquio, collejial, collejio collateral.

Os compostos de, In; como illicito, illiberal, illudir. Os diminutivos em Lo, La, acabados: como portella, bacello, libello, codicillo, pupillo. Tambem aquelles a que precede E, ante L, com accento nelle: como martello, marmello: & tirandose da orijem não dobra; como querela, cautela, pela, ã he o mesmo, ã pila: vela, polo instrumento da nao, & vela de vijilia. Mas avêdo accêto, & duvida se dobra como falla, por dizer, â differença de fala, por fazer algũa coufa.

PORTVGVEESA

Dobrão L estes superlativos, facillimo, difficillimo, humillimo.

Finalmente dobrão todos os que faõ tirados da lingua Latina: como annullar, apellar, apellação, appellante, appellido, appellidar, cavallo, elle, parallelo, gallinha, villa, villania; mas não vileza, porque vem de vil.

Não dobrão L as dicções, que ajuntão a sí os relativos O, A porque sômente corrompemos o S, ou R em L: como da preposição, Per, & Por; dizemos pela, pola. Donde errão muitos, que escrevem, pollo, & pella, com dous ll, não advertindo (alem de confundirem estas preposições) que hum R convertefe em hum L; & não em dous. Pelo que se ha de advertir nisto, escrevendo sempre, pela, pelo, pola, polo; & não polla, pello, &c. Afsi que escreveremos tambem com hum sô L os verbos, a que corrompemos o S final, por se ajuntar os dittos relativos O, A: como fizestelo? vistela? amamolo; por fizestes o? vistes a? E affi as mais.

M.

DObrão M os compostos das preposições Con, In, juntas a verbos, ou outras dicções, que comecção em M: como commemoração, commette, com-

ORTOGRAPHIA

modidade, commutar, immenso, immodesto, immortal, immovel, immundo, immutavel.

Dobrão communidade, commum, communicar, commungar, excommungar, flamma, inflammar, gomma, grammatica, summa, summariamente, consummado.

Estes verbos, que são meramente Portuguêses, compostos com a nossa preposição, En, como emmadeirar, emmagreſcer, emmanqueſcer, emminineſcer, emmudeſcer.

N.

Dobrão N, per natureza, anno, & seus compostos, & derivados: como de anno dizemos, annal, annaes, anniversario, perenne, perennial; folennidade, triennial.

Os compostos destas preposições Ad, In, juntas â dicções, que começam em N: como annotar, annunciar, innavegavel, innocente, innovação, innovar & os em En, ennaltrar, ennobrecer.

Dobrão panno, penna, por pluma: porque por castigo he com hum N fingello: tinnir, tyranno, bannido, canna, cannaveal, Ioanna, Ioanne, Britannia, Britanno, Vianna, Viannêſes.

PORTVGUESA

P.

DObrão P, os compostos das preposições, Ad, Ob, Sub, juntas a os verbos, ou às dicções, q̃ começão em P: como appareſcer, apparencia, apparro, apparato, apparelhar, appellar, appellidar, appetſcer, applacar, applanar, applauſo, apportar, appropriad, approvar, oppilação, oppilar, oppor, oppoente, oppoſição, opportuno, oppreſſão, opprobio, opprimir, oppugnar; ſupplicar, ſuppor, ſupofito, ſupportar, ſupprimento, ſupprir.

Outros, que não ſão compostos, pelo uſo ſe ſabem: como Cappadocia, cappela, cappa, cappelo, cepo, mappa, poppa: & muitos nomes Gregos acabados em ippo: como Ariſtippo, Chryſippo, Hippocrene, Hippocrates, Philippo, &c.

Q.

Não ſe dobra esta letra Q. porque ſe muda em C ſua ſemelhante, quando ſe compoem da prepoſição Ad: como acquerir, &c. por ſerem ambas hũa meſma couſa: como fica ditto no capitulo da letra, K, do alphabeto; & neſte trattato na letra C.

ORTOGRAPHIA

R.

R Se dobra fõmente entre duas vogaes, quando tem pronunciação aspera (como fica ditto no alphabeto no cap. desta mesma letra) como terra, guerra, carro, ferro. E porque a aspereza desta letra he tal, que vindo dobrada, logo se conhece, he escufado dizer aqui, os que a dobrão: porque não há mais que escrever, como pronunciamos, *r*, o aspero per dous *rr*. & o mais brando per hum *sô*. Advertindo que quando esta letra vier em principio de dicção, ou despois, ou antes de outra consoante, ainda que soe quám aspero quizer, não se escreverá dobrado, como mostrei per exemplos no ditto capitulo.

Dobrão tambem R, os verbos, ou dicções começadas na ditto letra, juntas com as preposições Con, In; como corromper, corresponder, & seus derivados, correspondente, correspondencia, irracional.

S.

DObra-se S fõmente entre vogaes pronunciado a modo de ç: como massa, passo, posso: & nos superlativos: como illustríssimo, excelentíssimo,

* Assim no original

PORTVGUESA

ferenissimo, &c. Mas não (como algũs cuidão) nos numeraes: como vijesimo, trijesimo, que erradamente escrevem vigesimo, trigesimo*: & nos preteritos; como amasse, moveisse; per todos seus numeros, & pessoas. Tambem muitas palavras começadas per As; como assentar, assistir, assegurar, assinalar. Os nomes femininos de dignidades; como Abbadessa, Prioressa, Alcaidessa, Baronesa, Condessa; tirando estes, Princeza, Duquesa, Marquesa, que se escrevem per hum sô f.

Dobram muitas dicções, que sendo Latinas com duas consoantes diversas entre vogaes, corrompe a Portuguesa a consoante em hũa dobrada; como de persona, pessoa; & de ipso, isso, &c.

Mas errão tanto os, que escrevem f dobrado depois de verbo seguindo este accusativo, fe (escrevendo, seguisse, attentouffe; devendo de escrever, seguisse, attentouffe) que he necessario dar logo regra geral: que he, que nunca escreveremos f dobrado,

senão quando soar como dobrado entre duas

vogaes; mas não depois de consoante,

como algũs escrevem erradamente:

dizendo, manffo, im-

menffo, &c.

* Assim no original

ORTOGRAPHIA

T.

DObrão T, attentar, attenção, attonito, attribuir, attrição, gotta, & seus derivados; & prometter, permittir, metter, arremeter, feetta.

E os diminutivos em te, ta: como fica dito no principio deste trattato: como pequenette, pequenetta.

E muitas dicções, que sendo Latinas com duas consoantes diversas entre vogaes, corrompe a Portugueza as duas consoantes em hũa dobrada: como de dicto ditto; de scripto, escripto; de corrupto, corrutto; de victoria, vittoria, &c.

VConsoante não se dobra. E pela mesma maneira X, & Z, que não dobrão por serem letras dobradas. E fique por regra gêral, que nenhũa dicção começa por letra dobrada, como llança, rrei: nem no fim se dobra; como algũs mal escrevem; como Manoell, fell; escrevendo tambem despois de consoante letra dobrada, que fere a mesma vogal, como hõrra; porque se ha de escrever assi: Manoel, fel, lança, rei, honra: pola razão, que tenho ditto no alphabeto no capitulo da letra R.

PORTVGUESA

TRATTADO DA PONTVUA- ção das claufulas, notas, & accen- tos da orthographia.

A Ssi como no proceſſo da oração, ou pratica, que fazemos, naturalmente ufamos de hũas diſtinções de paufas, & ſilencio, aſſi para o que ouve entender, & conceber o que ſe diz, como para o que falla tomar eſpiritu, & vigor para mais dizer: aſſi da meſma maneira ufamos, quando eſcrevemos. Porque como a eſcrittura he hũa representação do que fallamos, para nos darmos a entender nella, ufamos de pontos, como de balifas, que dividão as ſentenças, & os membros de cada claufula. Porque com aquelles certos ſinaes tiramos, & diſtinguimos a muita confuſão, que costuma aver no que eſcrevemos ſem aquelles ſinaes. Os quaes ordinariamente ſão ſette, em que ſe divide a claufula, ou periodo, a ſaber: Inciſio , Colon imperfeito ; Colon perfeito : Ponto final . Interrogação ? Admiração ! Parentheſis () Mas porque inda ha outros ſinaes, que he bem ſe ſaibão, farei menção de hũs, & outros.

ORTOGRAPHIA

Pontos, & notas, de que frequentemête ufamos:	Notas menos ufadas:
, Virgula	.. Apices
; Colon imperfeito	∨ Vnião
: Colon perfeito	^ Defunião
. Ponto final	F Falta
? Interrogação	⊂ Meio circulo
! Admiração	* Aterisco
() Parenthesís	— Obelisco
– Divisão	⌋ Brachia
^ Angulo	_ Syllaba longa
§ Paragrafo	

Temos dous accentos mui necessários na lingua Portugueza, hum chamado Agudó, & outro Circunflexô: & outro mais dos Gregos chamado Apostropho, que se termina, como logo direi.

I. Esta varinha, se diz Virgula, Coma, Incifio, Meio ponto. Della ufamos para distincção do escripto & respiração do que lee: porque nella descança para dizer mais. Poêse antes de conjunção, & relativo, & despois de cada verbo com seus casos, que he no fim de cada oração.

Pôese tambem despos nomes adjettivos, quando concorrem muitos em hum mesmo caso, como aqui:

PORTVGUESA

O que quizer ser verdadeiramente nobre, ha de ser virtuoso, prudente, liberal, & confiante.

Tambem se põe entre substantivos, como: As virtudes são quatro, Prudencia, Iustiça, Temperança, & Fortaleza. E põese outro si despos verbos simples sem algum caso, que rejão, como se vê neste exemplo: Pequei imaginando, fallando, obrando. O mais commum he (como fica ditto) despois de cada verbo com seus casos, distinguindo hũa oração da outra.

II. Da virgula & ponto (aque chamamos Colon, ou Membro imperfeito) usamos, quando fecha sentença imperfeita, com se vê neste exemplo: Ignorei no principio; mas h agora alcanço, que virgula & ponto se põe entre palavras, & sentenças contrarias; como carregar; descarregar: alegrar, intristecer. Assim que usaremos da virgula & ponto aonde não basta virgula, nem tampouco convê dous pontos: porque delles se usa pela maneira, que logo direi.

III. De dous pontos (a que se diz Colon perfeito) usamos, quando temos cheia a sentença, sem ficar mais, que dizer. Polo que se chama Colon perfeito, que quer dizer Membro: porque elle he parte do periodo, que he a clausula, ou materia acabada. Assim que he differente de ponto, & virgula, que deixa suspenso o

ORTOGRAPHIA

sentido (por não estar ditto tanto, que balte) até ouvir a particula indeclinavel, ou relativa, que se segue. Vimos tambem de dous pontos quando na pratica, que fazemos, referimos palavras de outrem, como: Boecio diz: Nenhã coufa ha nesta vida, â qual não falte, ou lobeje algã coufa, com que de todo não fica perfeita. Dizia hum discreto estas palavras: Tres coufas defejo a meu inimigo, que lhe hão de parecer boas: que jogue, em que ganhe: que peça, em que lhe dem: que demande, em que vença.

E quando se referem as taes palavras, sempre se escreve no principio letra grande, como fica no exemplo. Mas sendo sentença suspença, & não acabada no perihodo, que himos trattando, não se segue letra capital, senão ordinaria; como nestes exemplos: El Rey de Inglaterra tratta pazes com sua Magestade: pera isso está o Embaxador em Madrid: não ha duvida, que se hão de effeitoar. Tambem usamos de dous pontos, quando convertemos as palavras de alguem; como se vê neste exemplo: Direi ao que me mal dicer: Huiva embora como lobo; mas não me mordas como cão.

III. Ponto final se põe no fim da razão, ou sentença, quando está de todo concluida, & não deixa suspenso o sentido. Afsi que tem pouco que

PORTVGVESA

dizer, pois fecha sentença perfeita, que se diz Período, Círculo, Cláusula. Depois delle sempre se começa com letra capital.

V. Do final interrogativo usamos sempre que preguntamos alguma coisa. O qual he hum s às vezes na parte superior, & hum ponto na inferior assim? O exemplo he este: Se conheces a tantos, porque te não conheces? Procuras saber coisas remotas, & deixas as que estão em ti tão chegadas? E sempre escreveremos letra grande depois deste final interrogativo, como se vee nos exemplos.

VI. Da nota de admiração usamos no fim da cláusula, que pronunciamos com algum espanto, ou indignação. A forma deste final he quasi semelhante ao interrogativo, senão que tem em lugar do s huã risca direita assim ! como neste exemplo: Com quanto trabalho se sustenta a virtude! Quão admiravel he vosso nome em toda a terra! E sempre se escreve letra capital depois de admiração, como se vê no exemplo.

VII. Parenthesis (que quer dizer interposição de palavras) são dous semicírculos entre os quaes incluimos algumas palavras, que tiradas do que dizemos, não fica imperfeita a razão. E assim as incluimos no meio destes dous meios

ORTOGRAPHIA

circulos () para denotarmos, que são alheias daquella claufula, em que se interpoem; como quando dizemos: Como vai arriscado (se se não emmenda) a se perder! Bem aventuradas serão as respublicas (segundo dizia Platão) quando os Reis philosopharem, ou os Philosphos rejerem.

VIII. Ordinariamente nas impressões se usa da nota chamada Divisão, quando no fim da regra acertada de vir hũa dicção, que por não caber nella se parte, para se acabar na regra seguinte. A qual se põe no fim da regra, & daquella dicção intercorrutta: desta maneira = (ou alsi -) he sua forma. No escripto de mão usamos o mesmo; & com mais necessidade quando a primeira parte da dicção dividida significa per sî algũa coufa: como quando dizemos: tempo: apar-ta. E aquella divisão fica mostrando, que a dicção não está acabada: nem diz tem po; apar; se não, tempo; aparta.

IX. Angulo denota falta no lugar, onde se põe: usamos delle nos escriptos de mão, quando nos esquecer palavras, q̃ vão por entrelinha, desta maneira:

Luis Rei de França ^{Filho de Carlos Magno} tendo necessidade de dinheiro
^
levantou os tributos antigos, com que obrigou a

PORTVGUESA

todos ^{offerecerlhe} o que não são obrigados. E quando a falta
^

he tam grande, que não cabe na entrelinha, poremos â marjem o que falta com outra nota desta maneira F, & na regra outra semelhante: com a qual mostramos, que naquelle lugar, onde está, se haõ de meter as taes palavras.

X. Paragrafo, Artigo, Apartado, ou Aforismo, he ponto de distincção; não de hũa clausula â outra; mas de hum trattato a outro, ou de hũa materia â outra diversa. Pelo que sempre o escreveremos apartadamente em outra regra, assinalandoo nesta forma §, que he, o que mais vemos usar ou desta ¶: & hum, ou outro sempre se põe no principio de couza dividida, como vulgarmente usão os Juristas.

XI. Apices, Dieresis, ou Cimalha são dous pontos, que usamos sobre a vogal que queremos que retenha seu som, podendo-se ajuntar com a vogal seguinte. Polo que quando queremos mostrar, que as vogaes se haõ de leer divididas, pomos os dous pontos desta maneira: Argüem, Poëta, alaüde.

XII. De duas maneiras usamos do final Hyphen, que quer dizer, união, ou ajuntamento. A primeira quando se ajuntão em hum corpo duas dicções diferentes, ficando feitas hum sô: como passa ∨ tempo:

ORTOGRAPHIA

guarda ∨ porta. A outra maneira de que ufamos, he quando per caso, ou per erro, se acerta de escrever hũa palavra com as syllabas muito separadas hũas das outras, para denotarmos que se hão de ajuntar em hum corpo, para formar hũa dicção, & tirar a duvida, em que estaria, que a leesse, como se vê neste exemplo: Confia ∨ doestou. Demaneira que he final de ajuntamento, & união de syllabas.

XIII. Pelo contrario da figura Hyphen, ufamos da que chamamos Defunião, porque aquella une, & esta aparta, quando por descuido escrevemos algũa dicção junta a particula, ou artigo, que se segue como se vê de escrituras antigas, q̃ hoje muitos ignorão: sua forma he esta △.

XIII. Meio circulo se usa no fim da sentença, que explicamos, ou quando glossamos as palavras de algum author: & tambem quando se declara algum ditto incluído nelle as palavras glossadas: põese desta maneira ∩ Depois d'elle sempre se escreve letra capitula.

XV. Com esta estrella * (chamada Asterisco) se nota a falta, ou ponderação. Da qual ufavão os antigos, & algũs a ufão hoje, quando se nota algũs versos, ou palavras, que faltão em o author: ou quando querem mostrar algũas palavras, que ão dignas

PORTVGUESA

de se notar

XVI. Obelisco — contrario ao Asterisco, quer dizer pequena ponta de espeto, ou feeta, com que se afsinalavão os versos, ou palavras adulterinas de algum author. Porque os bõos se notavão com Asterisco; & os maos, & adulterinos com Obelisco.

XVII. Algũs Portuguêses ufão de hum final, a que os Gregos chamão Brachia; & nos syllaba breve: com que mostramos ser breve: a vogal, sobre que se põe: porque sendo longa tem outro significado: como Cagãdo por o animal aquatico, a que os Latinos chamão Testudo. No Latim se mostra este exemplo melhor: Occïdo, por cair; â differença de occido, por mattar. Onde se mais ufa, por ser afsi necessario, he no verso, para se abreviar a pronunciação da syllaba, em que se põe: como tambem he final de ser longa a em que

se põe este sinal - como se vee nos preteritos

dos mefmos verbos acima: Occïdi,

por matar; occidi, por cair.

O que fervirá pera os

Poëtas.

ORTOGRAPHIA

Dos accentos, & viracentos, que ufão
os Gregos, & Latinos; & quan-
do os devemos ufár na
efcritura.

Accento he tom de cada fyllaba. Os Latinos ufavão de tres, a fãber Agudó, gravè, e circumflexô, que he compofto de ambos. Do primeiro, & terceiro ufamos os Portuguêfes nas fyllabas que pronunciadas altas em dicções, que tem as mefmas letras, differença na fignificação de aquellas, que teem à pronunciação baixa: como amára, leéra, ouvira; amarâ, leerâ, ouvirâ preterito, ou futuro.

Afsi que onde o accento faz mudança de fignificação, o notaremos fẽpre; como nas terceiras peffoas do preterito perfeito do modo demonstrativo de todas as conjugações: porque concorrem com as terceiras peffoas do futuro do mefmo modo, & numero, em as mefmas fyllabas; fẽnã que differem no accento. Pelo que para tirarmos a differença dos modos & tempos, de que fallamos, quando for preterito, diremos: Amâ-rão, leêrão, ouvîrão. E quando for futuro diremos: Amaraõ, leeraõ, ouviraõ fẽm nenhum accento, porque fe entende fazelo na última.

PORTVGUESA

O mesmo usaremos nos nomes, onde assim for necessário, encontrando-se na significação com os verbos: como jôgo, bôlo, trôco, que pronunciamos com tom baixo, que significação jogar, bolar, trocar, a diferença de jogo, bolo, troco, que são nomes, que se escrevem com accento agudo, ou sem elle.

Advirtase, que nunca escrevamos accento grave pelo agudo, ou circumflexo; porque somente delle usão os Latinos em adverbios, para tirar dúvida, se o são, pondose sempre no fim da dicção: como mál, muitò: o que se vê melhor nas dicções Latinas, ferè, jultè, malè; & nas preposições, como quando dizem: Cùm dicis à patre: & nestas quàm, quòd, quid: com que se distinguem, & mostram não serem os relativos, que se escrevem da mesma maneira, mas sem o ditto accento.

Alem destes tres accentos usão os Gregos d'outro mais, a que chamão Apostropho, tendo entre os mais o mesmo nome: o que na realidade não he, porque só de nota a vogal, que se tira do fim da dicção, pela figura chamada finalepha, de que usamos, quando se segue outra dicção, que outra lí começa em vogal: como d'ouro, est'anno, d'Evora. O qual viraccento se faz de necessidade no verso, para se evitar o hiato, & abertura da bocca, que se causa acabando hũa dicção em vogal

ORTOGRAPHIA

& começa tambem a seguinte em outra.

Tambem na profa de necefsidade avemos de ufar deſte apoftrpho, ou viraccento quando a prepoſição, De, ſe junta a outras dicções, que começam em vogal por não fazermos a eſcrittura feia, & bar bara, como algũs dizem, eſcrevendo: Cidade Devo ra, Delvas, homem darmas (tudo ligado, como ſe foſſe hũa dicção) avendo de dizer: Cidade d'Elvas, d'Evora, homem d'armas: aſi como dizemos, de Roma, anel de ouro, de armas. Outros confundindo a pronunciação, & eſcrittura dizem: Não ma mais? Damagua. Não mouves? Não touço, por não me amais, dame agua, não me ouves, não te ouço.

Da meſma maneira he neceſſario o uſo deſte apoftrpho na eſcritura de nomes proprios, & cognomes. Porque vulgarmente dizemos: Fernão Dalvares, Pedrafonſo (tudo junto) avendofe de eſcrever mui differente, & ſeparado: Fernan d'Alvarez, Pedr'Affonſo. E aſi não diremos João Dalbuquerque, Franciſco Dalmeida, Doliveira, ſenão d'Albuquerque, d'Almeida, d'Oliveira.

Aſi que eſte viraccento eſcreveremos ſempre ſobre a derradeira conſoante da dicção, ficando em lugar da vogal, que ſe tira na pronunciação, ou eſcrittura deſta maneira: d' m' t' &c.

PORTVGVESA
Regras geeraes da Orthographia da
lingua Portuguefa.

I.

TOda a orthographia confiste em efcrevermos, afsi como pronunciamos; & afsi hemos de pronunciar, como efcrevemos.

II.

As dicções derivadas fe efcrevão com as letras, com que fe efcrevem fuas primitivas: como de anno (q̃ fe efcreve com dous nn) fe derivão anniversarios, annal, annaes: de vestido fe deriva vestir, vestimenta, vestiario.

III.

Em eftas vogaes Latinas, a. e. i. o. u. pode acabar palavra Portuguêfa; & nenhũa em y Grego: porque sômente o efcrevemos em dicções Gregas: como hymnos myfterio. Tambem fe termina neftas cõfoantes l, m, r, f, z; & em nenhũa outra acabarâ mais. Dõde errão os, que efcrevem, pax, lux, crux: porque o x fe muda em z & fe ha de efcrever, paz, luz, cruz.



ORTOGRAPHIA

III.

Os nomes proprios se escreverão com as letras de sua origem: como David, Nazareth. E avendo dittongo o escufaremos: como Eneas, Etiopia; & não Æneas, Ætiopia.

V.

Escufaremos letras superfluas, cuja pronunção não temos; como K, Ch, que são gregas; & as palavras, que temos Gregas, as escreveremos sem K, & H: como caridade Antioquia, Monarca, Monarquia. Porem physionomia (que algũs dizem phylonomia) poderemos escrever per ph Grego, ou f Latino; como fyfionomia: & así orthographia ou ortografia. Da mesma maneira estas letras Th, Rh, aspiradas dos Latinos, & Gregos; como Theologia, ou Teologia, Mathematica, ou Mathematica; Rhetorica, ou Retorica.

VI.

Por evitar superfluo, escufaremos, E, antes de S, no principio de dicções, que temos Latinas, como spe-

PORTVGUESA

ro, fcrever, fcrittura, fpiritu, Stevão: porque a pronunçiação affuviada efcufa E. mas a respeito do vulgo podemos ajũtar E; & efcrever de hũa maneira, ou adoutra; como eftado, efpiritu. Porem fciençia, confcieñcia, & muitos, que fe compoem da prepozição, De, guardem fempre fua origem. E para differençar o verbo Eftou, eftas, dos nomes eſta, eſtas couſas, poremos na ultima vogal do verbo hum accento agudo: como, eſta peſſoa eſtá eſperando por eſta orthographia: & tu eſtás eſperando por eſtas letras.

VII.

As palavras Latinas, de que ufamos incurruſtas, ou pouco corruſtas, não devemos corróper mais, quãdo a pronunçiação Latina he a meſma, que a Portugueſa, por não eſcurecer fua origem, que não he propriedade da lingua fazer maiores corruçções; como em Deus, lingua, qualidade, quantidade, quantia, cinco, melhor, & não melhor; ſinco, lingoa, contia, calidade, Deos, que he diverſa pronunçiação da Portugueſa propria, como fe notarã, em Res magnus ſuper omnes Deos, que tem differente pronunçiação entre os Latinos, de Quoniam Deus magnus. Nem pater, & mater, Latinos, corromperemos, pai, mai; fe não páe

ORTOGRAPHIA

mãe, que fiquem as mesmas vogaes; pois não sahimos da pronunciação Portuguêsa. Nem os pluraes dos nomes acabarão em, is; senão em es; como vogaes, tribunaes, perdões. Porem os verbos em, is, como ameis, buscais.

VIII.

As dicções se apartem de modo, que duas não pareção hũa: & concorrendo vogal no fim de hũa, com vogal no principio de outra dicção, que fazem fynalepha, se usará de accento virado chamado Apostropho; como d'Ourem, d'ouro; & não dourem, douro.

IX.

Da preposição Per usaremos, quando responde a Per, Latina; que se usa em agencia, feitor passagem: como trattouse a causa per procurador; feito per tabellião, passando per França. E usaremos, Por, quando responde a Pro, Propter, Latinas, que significão respeito, ou amor; como fazei este negocio por mim por amigos, por Deus.

PORTVGUESA

X.

Não confundão estas preposições na pronuncia-
ção, & escriptura, trocanto hũa por outra. Nem
despois dellas seguindose os relativos, O, A, se do-
bre L; porque hum R, convertese em hum L; &
não em dous. Isto digo, porque são tantos os, que errão
escrevendo L dobrado com estas preposições Per,
Por, como os que dobrão S, seguindose este accusa-
tivo se, despois de verbo, como pello, pella pollo,
polla; seguesse, attentouffe; avendo de ser pelo, pola,
seguesse.

XI.

Advirta o que não quizer errar nestas tres letras,
ç. S. Z. porque a muita semelhanca causa confu-
são, & sendo a differença pouca, com mais dilijen-
cia se ha de saber, para fugir dos erros, que se fe-
guem do mal pronunciar ao mal escrever.

O ç se pronuncia com mais força, que z. & f;
como se vê nos nomes verbaes em ção, lição, feição,
deleitação: & outros, como tição, agencia, negocio,
maço fiança, peça, começo, caça paço feitiço &c.

ORTOGRAPHIA

S. se pronuncia com a lingua remissa, sem força; como se notarã nos nomes verbaes dos Latinos em, fío, lifão, conclusão, cafa, cafamento, mufa, preso, peso, lifo, reso, cofer com agulha, &c. E se se dobrar esta letra, f, tem a pronunciação mais força; mas não tanta como ç nem ainda como z; como se vê em passo, passo, remisso, pesso, possuir, &c.

Z. se pronuncia com mais força que f; & menos que ç, como razão, praza, a Deus, fazer, cozer, por guizar, trazer, &c. Nesta letra z acabamos muitas palavras; como, rapaz, raiz, arcabuz, noz, fez; & os sobrenomes patronymicos Martiiz, Lopez, Ximenez; por vir de Martinho, Lopo, Ximeno: como fica ditto largamente no cap. 25. do Alfabeto.

XII.

Quando se hão de escrever j. v. (que são letras consoantes) fica ditto nos capitulos 9. & 22.

XIII.

Advirtase que sempre antes de B. P. M. se escreve em Latim, & Português, M; & antes das mais letras, se escreve N: como Ambrosio, immovel, im-

PORTUGUESA

portuno, tanto, confio, pondo, tronco, angustia. Tirão-se desta regra os nomes que se compõe deste adverbio, Bem & desta preposição, Circum: como, bem estreado, bem quisto, bem ensinado; contigo, comigo, comigo, circumferencia, circumflexo.

XIII.

As palavras, que dobrão consoante, se saberão per sua orijem sendo Latinas, & os que o não forem aprenderão per uso, imitando aos, que melhor escrevem.

XV.

Os Latinos não apartão o, S, do C, M, P, Q, T, se vai posto antes destas cinco letras; como de-fer, Co-sine, cre-spo, e-squadra; pa-stor. Nem apartão o G, do M, N: como au-gmento; di-gno, nem M, de N; como em, colu-mna. Quem quizer imitar nisto os Latinos (& ainda os Gregos) podeo fazer; & quem quizer nisto seguir a pronunciação vulgar da nossa pronunciação Portuguêsa, não deve ser reprovado: porque mais imperio tem sobre nos o vulgo Português, que os Latinos antigos. Porem nunca B, D, F, C, Ç, P, T. V. ficarão (salvo aquellas que em dic-

ORTOGRAPHIA

ções ficção dobradas) com a vogal precedente, quando despois dellas se segue L, ou R, liquidas; como A-bril, o-bra, e-dra, af-flijo, ag-gravar, en-crespar, com-placencia, con-trito.

XVI.

Per letra capitula se começarão os nomes propios de quaesquer coufas, sobrenomes, nomes de sciências, artes, dignidades; & qualquer coufa, que se vai trattando; como, da Caridade: os nomes de nações; como Português, Grego: os patronymicos; como Pirez, vaz &c. E todo o principio da escriptura livro, capitulo, claufula, ou perihodo, que se fecha com hum ponto, ou com dous, quando se muda de hũa sentença â outra: ou quando se passa de hũa pessoa â, outra, como está declarado no trattado dos pontos, & accentos. Aonde se poderá vêr, que tambem fecha o final interrogativo, que he afsi ? & o admirativo afsi ! & meio circulo ∩ & que logo a seguinte claufula se começará per letra grande.

XVII.

Em meio de dicção senão põe letra grande, por-

PORTVGUESA

que he notavel erro escreverse afsi, oCaliões, oBra, orDinaria: como vî de letra de mão mui perfeita mas mui errada na orthographia.

XVIII.

Nas abbreviaturas se ufa til, que fuppre muitas letras: as quaes devemos escrever claras, que se entendão facilmente, fem se ufar nellas letras dobradas como lñça, Glž, Frž, & não Gllž, Frrž. E a mefma advertencia averâ nas abbreviaturas dos numeros dos Romanos, como se verâ no breve trattato, que vai neste volume. As noffas abbreviaturas mais notorias fão as, que andão em ufo, & vão em confequencia d'outras: como V.A. por voffa Alteza. V.E. por voffa Excellencia. V.S. voffa Senhoria, V.M. voffa merce, V.P. voffa Paternidade. V.R. voffa Reverencia. E por el Rei noffo Senhor, EIR.N.S: por autor, A: & por reo, R: fempre com letras grandes.

Mas nas outras partes, q̃ não estão pelo ufo escreverenfe per hũa letra, poremos mais letras, & em regra direita; como fua Mageftade del Rei Philippe noffo Senhor: escreveremos S.Mag.delR.Phil.N.S.



ORTOGRAPHIA

Este ufo tinhão os Romanos; como Q. Fab. Max. por Quinto Fabio Maximo. C.Iul. Caf. por Caio Iulio Cefar. M. Tul. Cic. &c.

XIX.

A ultima regra he, que avendose d'apartar da boa orthographia seja para o Latim, defcubriendo das palavras a orijem, que se deve saber, & a lingua Latina para escrever bem a Portuguêfa.

Com isto tenho dado fim a Orthographia Portuguêsa, que me pareceo melhor, menos corruta, & mais correspondête â Latina, de que depende. Aquelle que lhe parecer boa, figaa; & aquelle, a que não, emmendea.

Fim da Orthographia.